



**ARQUITETURA HOTELEIRA NO
VALE DO CATIMBAU**

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

AMANDA MARIA COSTA BEZERRA CAVALCANTI

ARQUITETURA HOTELEIRA NO VALE DO CATIMBAU

RECIFE

2024

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

AMANDA MARIA COSTA BEZERRA CAVALCANTI

ARQUITETURA HOTELEIRA NO VALE DO CATIMBAU

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para a
Graduação no Curso de Arquitetura e
Urbanismo, sob a orientação do Prof. Dr.
Pedro Henrique Cabral Valadares.

RECIFE

2024

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

C377a Cavalcanti, Amanda Maria Costa Bezerra.
Arquitetura hoteleira no Vale do Catimbau / Amanda Maria Costa Bezerra Cavalcanti. - Recife, 2024.
111 f. .: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Parque Nacional do Catimbau. 2. Turismo ecológico. 3. Arquitetura hoteleira. I. Valadares, Pedro Henrique Cabral Valadares II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2024.2-002)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Amanda Maria Costa Bezerra Cavalcanti

ARQUITETURA HOTELEIRA NO VALE DO CATIMBAU

Aprovado em ____ de dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Izabel Rêgo Cabral (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Otávio Joaquim da Silva Júnior (Examinador Interno)

Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares (Orientador)

Recife

2024

Com imenso carinho e gratidão, dedico este trabalho a Deus, por iluminar meus passos e guiar-me em todos os momentos. À minha família, especialmente aos meus pais, Paulo e Telma, e meu noivo, Rafael, pelo amor e apoio incessante. E aos meus professores, que foram essenciais na minha formação, principalmente a Pedro, cuja orientação, paciência e amizade tornaram essa jornada acadêmica ainda mais rica e significativa.

A natureza cria, o arquiteto integra.

Severiano Mário Porto

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor uma alternativa de hospedagem para o Parque Nacional do Catimbau, situado no agreste pernambucano, Brasil, considerando a necessidade de melhorias na infraestrutura turística da região. O estudo abrangeu aspectos como o turismo ecológico, a relevância econômica do parque como destino turístico, o fluxo atual e potencial de visitantes e as opções de hospedagem existentes, além de incluir a percepção de moradores, comerciantes e da população estadual sobre o local e seus serviços. Com base na análise desses fatores, verificou-se a necessidade de aprimorar as condições de hospedagem, o que motivou o desenvolvimento de uma proposta voltada a atender às demandas do público visitante, valorizar os recursos naturais e culturais da região e impulsionar a economia local. Conclui-se que a proposta de um empreendimento hoteleiro sustentável e cultural no Vale do Catimbau atende às demandas de infraestrutura turística, valoriza os recursos locais e promove um equilíbrio entre desenvolvimento econômico, preservação ambiental e turismo responsável.

Palavras-chave: Parque Nacional do Catimbau; turismo ecológico; arquitetura hoteleira.

ABSTRACT

This study aims to propose an alternative lodging option for the Catimbau National Park, located in the dry region of Pernambuco, Brazil, considering the need for improvements in the region's tourism infrastructure. The research encompassed aspects such as ecological tourism, the economic significance of the park as a tourist destination, the current and potential visitor flow, and the existing lodging options, as well as the perceptions of residents, business owners, and the state population regarding the site and its services. Based on the analysis of these factors, the need to enhance lodging conditions was identified, which motivated the development of a proposal designed to meet the demands of visitors, enhance the region's natural and cultural resources, and boost the local economy. It is concluded that the proposed sustainable and cultural lodging enterprise in the Catimbau Valley meets tourism infrastructure demands, values local resources, and promotes a balance between economic development, environmental preservation, and responsible tourism.

Keywords: Catimbau National Park; ecological tourism; hotel architecture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TURISMO ECOLÓGICO.....	17
3	MEIOS DE HOSPEDAGEM	30
3.1	Meios de hospedagem no turismo ecológico	35
3.2	Hospedagens na Serra da Capivara/PI	35
3.3	Hospedagens na Chapada Diamantina/BA.....	38
3.4	Hospedagens em Fernando de Noronha/PE.....	40
4	VALE DO CATIMBAU	44
4.1	Parque Nacional do Catimbau	46
4.2	Meios de hospedagem no Vale do Catimbau.....	54
5	CASOS DE REFERÊNCIA.....	58
5.1	Serra da Capivara Hotel Resort e Convention/PI.....	59
5.2	Refúgio da Serra Boutique Hotel/BA.....	63
6	PROPOSTA ARQUITETÔNICA	70
6.1	Condicionantes.....	70
6.2	Programa de necessidades	77
6.3	Proposta arquitetônica	79

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS.....	104
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	108
	APÊNDICE B – PROPOSTA ARQUITETÔNICA.....	113
	ANEXO A – QUANTITATIVO DE LEITOS DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM.....	118
	ANEXO B – QUANTITATIVO DE VISITAS AS TRILHAS.....	120

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO

O Parque Nacional do Catimbau, localizado no estado de Pernambuco, é um dos mais importantes patrimônios naturais do Brasil, destacando-se por sua riqueza ecológica, cultural e histórica. Com paisagens únicas, biodiversidade variada e relevância científica, o parque se apresenta como um ambiente propício para o desenvolvimento de atividades de turismo ecológico (Freire *et al*, 2018). Entretanto, apesar de seu potencial, a infraestrutura local, especialmente no que diz respeito aos meios de hospedagem, é insuficiente para atender à demanda de visitantes, limitando o crescimento sustentável da atividade turística na região. Nesse contexto, surge a questão central: em que medida um incremento na rede de hospedagens do município de Buíque, principal acesso ao parque, pode impactar na procura por visitantes no Vale do Catimbau?

Diante desse problema, esta pesquisa considera a hipótese de que uma rede de hospedagem ampliada e qualificada pode impulsionar o desenvolvimento do turismo ecológico no local estudado, favorecendo a economia regional e contribuindo para a preservação ambiental e cultural. Com base nesse contexto, o estudo parte da premissa de que o turismo, quando bem estruturado, pode atuar como uma ferramenta de conservação ambiental, ao mesmo tempo em que

promove benefícios econômicos e sociais para as comunidades locais. Além disso, entende-se que a preservação de qualquer patrimônio, seja ele natural ou cultural, depende de seu uso adequado, pois o abandono tende a acelerar sua deterioração e consequente perda.

No caso do Vale do Catimbau, os usos turístico e educacional são predominantes, mas demandam uma infraestrutura que vá além do acesso físico, abrangendo segurança, limpeza, serviços complementares e, em especial, hospedagem. Cada um desses elementos deve estar alinhado às necessidades dos visitantes e da população local, contribuindo de forma integrada para a preservação do parque. Assim, o desenvolvimento de meios de hospedagem de qualidade não apenas amplia a capacidade de acolhimento de visitantes, mas também enriquece a experiência turística, fortalecendo o potencial de atração do parque e incentivando a conservação de seu ecossistema único.

A pesquisa se fundamenta em uma abordagem explicativa, utilizando o método hipotético-dedutivo como linha norteadora. Para tanto, foram adotados dois métodos principais de procedimento: o método comparativo, que analisa o Parque Nacional do Catimbau em relação a outras áreas de turismo ecológico consolidadas – como a Serra da Capivara (PI), a Chapada Diamantina (BA) e Fernando de

Noronha (PE) – e o estudo de caso, que foca nos meios de hospedagem existentes no entorno do parque.

O desenvolvimento da pesquisa está dividido em duas partes principais. Nos dois primeiros capítulos, apresentam-se o referencial teórico sobre turismo ecológico e os meios de hospedagem, estabelecendo a base para a análise das necessidades e oportunidades específicas do Vale do Catimbau. Essa fundamentação é essencial para compreender o papel do turismo sustentável na conservação de áreas protegidas e na dinamização das economias locais.

Já a parte empírica do estudo, desenvolvida nos quatro capítulos subsequentes, abrange uma investigação detalhada que combina pesquisa documental e bibliográfica, visitas de campo, entrevistas com moradores e agentes do setor turístico, e questionários aplicados ao público potencial de visitação. Esse conjunto de métodos permite não apenas identificar as demandas e lacunas existentes, mas também projetar soluções adequadas ao contexto regional.

Com base nos dados coletados, foi possível elaborar uma proposta arquitetônica de hospedagem sustentável, voltada para atender às necessidades de um público diversificado e contribuir para a valorização do turismo no Vale do Catimbau. Essa proposta, apresentada em nível de anteprojeto, considera fatores como a

integração com o meio ambiente, o respeito às características culturais da região e a funcionalidade necessária para atrair visitantes sem comprometer os recursos naturais do parque.

No capítulo final, o estudo apresenta suas considerações sobre o impacto do turismo ecológico na região e destaca a necessidade de investimentos estratégicos nos meios de hospedagem como um dos pilares para alavancar o desenvolvimento do turismo sustentável. A análise evidencia que o aumento do fluxo turístico, aliado a uma infraestrutura de qualidade, não apenas impulsionará a economia local, mas também fortalecerá iniciativas de preservação ambiental, garantindo a integridade do Parque Nacional do Catimbau.

Ao longo deste trabalho, busca-se demonstrar que a integração entre planejamento arquitetônico, turismo sustentável e conservação ambiental é essencial para consolidar o Vale do Catimbau como um destino ecológico de referência no Brasil. Assim, a pesquisa se insere em um debate mais amplo sobre o papel do turismo como vetor de desenvolvimento regional e preservação do patrimônio natural e cultural.

CAPÍTULO 2

2 TURISMO ECOLÓGICO

O comportamento do consumidor de turismo vem mudando e, com isso, surgem novas motivações de viagens e expectativas que precisam ser atendidas. Em um mundo globalizado, onde se diferenciar adquire importância a cada dia, os turistas exigem, cada vez mais, roteiros turísticos que se adaptem às suas necessidades, sua situação pessoal, seus desejos e preferências (Ministério do Turismo, 2010, p. 09).

O turismo é uma das atividades econômicas de maior relevância no mundo, gerando empregos e oportunidades de negócios. No Brasil, o setor turístico é uma importante fonte de receita e desenvolvimento regional. A classificação dos meios de hospedagem também desempenha um papel crucial, pois atua como um indicador de qualidade e serviços oferecidos, influenciando diretamente a satisfação dos turistas e a reputação do destino turístico como um todo.

Segundo Tadini (2010), desde os primórdios da humanidade o deslocamento sempre esteve presente na vida dos seres humanos. Os gregos, no século VIII a.C. viajavam para ver os jogos olímpicos. Já os romanos, no século II a.C. construíram

estradas para possibilitar viagens de cidadãos, sendo considerados os primeiros povos a viajarem por lazer (Tadini, 2010 *apud* Badaró, 2003).

Em contrapartida, de acordo com Tadini (2010 *apud* Badaró, 2003), na primeira metade da Idade Média, entre os séculos V e XI, com o estabelecimento do feudalismo, o cidadão se tornou fundamentalmente agrícola e a ideia de turismo passou a ser perigoso e caro, principalmente pela disputa de terra.

Contudo, entre os séculos XI e XIII, ocorreram várias expedições militar-religiosas, conhecidas como Cruzadas, cuja motivação a esses deslocamentos estava profundamente ligada a interesses econômicos e políticos (Tadini, 2010 *apud* Matias, 2001). As Cruzadas ofereceram uma oportunidade estratégica para as grandes cidades comerciais italianas, que procuravam frear o avanço muçulmano no Mediterrâneo, e, ao mesmo tempo, trouxeram uma variedade de viajantes às rotas europeias, incluindo soldados, mercadores e peregrinos. Essa intensa movimentação transformou as hospedarias, antes voltadas para a caridade, em empreendimentos lucrativos, levando a uma significativa expansão dessas instalações ao longo de cem anos, a fim de atender à crescente demanda (Tadini, 2010 *apud* Badaró, 2003).

Na segunda metade do século XV e todo o século XVI foi marcado por um aumento significativo nas viagens particulares, que buscavam suprir a carência de comunicação, ainda predominante, mesmo com a invenção do livro, cuja circulação era limitada. Além disso, essas viagens tinham como objetivo o acúmulo de conhecimento, cultura, línguas e aventuras (Tadini, 2010 *apud* Walker, 2002). Tadini (2010) ainda destaca que, nesse período, o comércio e as viagens na Europa amadureceram, impulsionados pela melhoria do padrão de vida e uma consciência maior sobre a importância da cultura. Jovens aristocratas passaram a embarcar nos *grand tours* pela Europa, parando nas principais cidades por semanas ou meses, e essas excursões eram consideradas uma etapa essencial na formação dos futuros cavaleiros.

Essas viagens, feitas principalmente por jovens nobres acompanhados por seus tutores, não eram propriamente turismo, mas sim *tours*, que consistiam em longas viagens de ida e volta, caracterizadas pela exclusividade masculina, aventura e duração de cerca de três anos (Tadini, 2010 *apud* Badaró, 2003).

Para empreender essas viagens, os nobres firmavam uma espécie de contrato com o tutor, estabelecendo metas e responsabilidades. Durante esse período, o comércio passou por grande expansão, resultando na construção do primeiro hotel comercial

do mundo, o Wekalet-Al-Ghury, no Egito, para atender mercadores (hoje funciona como um centro cultural). Esse período também viu a melhoria dos transportes terrestres com a invenção da diligência no século XVII e a expansão de infraestruturas como spas e cassinos, que atenderam às demandas de lazer e entretenimento da elite (Tadini, 2010 *apud* Badaró, 2003).

Nos primórdios do século XIX, com o aumento do fluxo de ingleses fazendo o *tour* pela Europa, esses passaram a ser apelidados de *tourists*, ou seja, aqueles que viajavam por toda Europa em busca de conhecimento, lazer e, acima de tudo, experiência de vida para se tornar um *gentleman*. Aproximadamente em 1838, Stendhal, em seu livro *Mémoires d'un touriste*, selou o neologismo turista e introduziu a palavra – turista – no meio literário, com grande aceitação de todo o público, que já a conhecia do cotidiano (Tadini, 2010 *apud* Badaró, 2003).

A Primeira Guerra mundial marcou o início do século XX e chegou freando o turismo no mundo todo. Segundo Tadini (2010 *apud* Badaró, 2003), Benito Mussolini, chefe de governo italiano, introduziu o *Dopo lavoro* para preencher o tempo livre dos trabalhadores, usando o lazer, turismo e esporte como grandes realizações do

regime totalitário implantado. Na mesma época se iniciou a Copa do Mundo, evento que reuniu todo o mundo para competir no Uruguai.

No período entre as duas guerras, as férias remuneradas tornaram-se uma realidade para grande parte da população europeia, possibilitando que classes sociais economicamente menos favorecidas também comesçassem a viajar. Paralelamente, surgiu o desejo generalizado por viagens de férias. No entanto, a Segunda Guerra Mundial provocou uma nova estagnação no turismo global, entretanto, no Brasil, a década de 1940 se manifestou como favorável para a construção de empreendimentos turístico-hoteleiros, como hotéis-cassinos (Tadini, 2010).

De acordo com Braga (2007), o turismo de massa, como o conhecemos hoje, teve início cerca de cinco anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1957, o turismo aéreo tornou-se o mais popular entre os viajantes, impulsionado pelo tempo reduzido das viagens e pela introdução de tarifas econômicas pelas companhias aéreas. A Figura 1 apresenta o *roll-out* (primeira apresentação ao público) do Boeing 747, ocorrido em setembro de 1968 no Aeroporto Paine Field, localizado no estado de Washington, EUA. A aeronave foi desenvolvida visando atender à crescente demanda da época, mas destacou-se por sua eficiência e rentabilidade,

permanecendo em produção até o ano de 2022, embora tenha passado por significativas evoluções ao longo dos anos.



Figura 1: *Roll-out* do Boeing 747 em Massachusetts | Fonte: Cultura Aeronáutica, 2015.

A partir desse ponto, com o crescimento da crise ambiental e aumento da consciência ecológica da população mundial, o turismo começou a se dividir em várias áreas específicas de passeios voltados para as preferências da sociedade (Tadini, 2010). Conseqüentemente, conforme o Ministério do Turismo (2014), em 1980, surgiu o conceito de ecoturismo como uma resposta à crescente preocupação com os impactos ambientais do turismo de massa. Em meio a um cenário global de degradação ambiental e perda de biodiversidade, pesquisadores e ambientalistas começaram a promover uma nova forma de turismo que enfatizava a conservação e o envolvimento comunitário.

Ecoturismo [ou turismo ecológico] é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (Ministério do Turismo, 2010, p.17).

O Brasil, destacado por sua vasta diversidade de biomas e ecossistemas, configura-se como um cenário propício para o desenvolvimento do turismo ecológico. Esse segmento fundamenta-se no pressuposto de promover a conservação dos

ecossistemas, ao mesmo tempo em que assegura vantagens para todas as partes interessadas: a preservação dos recursos naturais garante a sustentabilidade dos benefícios econômicos decorrentes de sua exploração (Ministério do Turismo, 2014 *apud* Rocktaeschel, 2006).

Nos últimos anos, o ecoturismo tem ganhado popularidade entre viajantes conscientes que buscam experiências autênticas e educativas, ao mesmo tempo em que minimizam seu impacto negativo sobre a natureza. De acordo com a Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (2024), no Brasil, a procura pelo segmento do turismo ecológico tem aumentado cerca de 5% ao ano.

Ao viajar por destinos ecoturísticos, os visitantes têm a oportunidade de entrar em contato direto com a natureza, participar de atividades ao ar livre, aprender sobre a fauna e flora local, e contribuir para a conservação do ambiente. Além disso, o ecoturismo muitas vezes beneficia as comunidades locais, gerando empregos e incentivando a preservação cultural.

Segundo a Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (2024), a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) catalogou uma variedade de atividades que podem ser realizadas em áreas dedicadas ao ecoturismo, englobando modalidades em terra, água e ar. Entre essas

atividades, destacam-se o arvorismo, trilhas, escaladas, cachoeirismo, tirolesa, rapel, mergulho, vela, canoagem, balonismo e diversas observações, incluindo de fauna, flora, fenômenos astrológicos, aves, felinos, entre outros.

Atualmente, o turismo ecológico exerce uma influência significativa sobre diversas esferas da sociedade. Uma das mais evidentes é a conscientização ambiental. Ao proporcionar experiências diretas com a natureza, o ecoturismo educa os viajantes sobre a importância da conservação e os problemas ambientais enfrentados globalmente. Este tipo de turismo cria uma ligação emocional entre o visitante e o ambiente natural, incentivando comportamentos mais responsáveis e sustentáveis mesmo após o término da viagem.

Além disso, o ecoturismo tem um impacto econômico positivo, especialmente em comunidades rurais e remotas, onde promove o desenvolvimento econômico através da criação de empregos e do estímulo ao empreendedorismo local. Hotéis, restaurantes, guias turísticos e artesãos são apenas alguns exemplos de setores beneficiados. Ao investir no ecoturismo, estas comunidades têm a oportunidade de desenvolver suas economias de maneira sustentável, reduzindo a dependência de atividades prejudiciais ao meio ambiente, como a agricultura intensiva e a extração de recursos naturais (Silva; Maia, 2008).

No cenário global, o turismo ecológico se torna uma ferramenta poderosa para a conservação da biodiversidade. Muitos parques nacionais e reservas naturais em todo o mundo dependem da receita gerada pelo ecoturismo para financiar seus esforços de conservação. Estas áreas protegidas servem como refúgios para inúmeras espécies ameaçadas, e a presença de ecoturistas pode ajudar a garantir sua proteção contínua. Além disso, como dito pelo Ministério do Turismo (2010) o ambiente se torna uma plataforma para educar os visitantes sobre questões ambientais críticas, como a perda de biodiversidade, a mudança climática e a importância dos ecossistemas. Ao vivenciar diretamente a beleza e a fragilidade dos ambientes naturais, os turistas são mais propensos a apoiar políticas e iniciativas de conservação.

Apesar dos benefícios citados, é importante ressaltar que aumento da popularidade pode levar à sobrecarga de destinos ecológicos, ameaçando a integridade ambiental que se busca proteger. Portanto, é essencial equilibrar a conservação e o uso turístico do local. No futuro, o turismo ecológico tem o potencial de se tornar fundamental para a sustentabilidade global, à medida que mais pessoas valorizam experiências de viagem conscientes.

O desenvolvimento do turismo ecológico representa uma evolução necessária na maneira como interagimos com o meio ambiente e com culturas locais. Ele não apenas oferece uma alternativa sustentável ao turismo em massa, mas também desempenha um papel vital na conservação da natureza e na promoção do desenvolvimento comunitário. Ao adotar práticas de ecoturismo, estamos investindo em um futuro que o turismo não é apenas uma fonte de prazer, mas também uma força para o bem, promovendo a sustentabilidade e a preservação das riquezas naturais e culturais do nosso planeta.

O Trabalho de Conclusão de Curso apresenta uma análise detalhada do Parque Nacional do Catimbau como destino de ecoturismo, com foco na infraestrutura de hospedagem e no potencial de desenvolvimento da região. A pesquisa combinou métodos explicativos e de abordagem hipotético-dedutiva, utilizando procedimentos comparativos e estudos de caso para examinar os meios de hospedagem em torno do parque. As etapas de pesquisa documental e bibliográfica destacaram o arcabouço legal e a relevância ambiental do Catimbau, enquanto visitas de campo e entrevistas com agentes locais forneceram insights sobre desafios e oportunidades do turismo na região. Dados coletados por questionários ampliaram a compreensão sobre a percepção do público e reforçaram a

necessidade de melhorias na infraestrutura local. A investigação revelou que, embora o parque possua atrativos naturais e culturais significativos, sua capacidade turística é limitada pela carência de acomodações adequadas e pela gestão de fluxos de visitantes, evidenciando a necessidade de estratégias integradas para promover o desenvolvimento sustentável do ecoturismo no Vale do Catimbau.

CAPÍTULO 3

3 MEIOS DE HOSPEDAGEM

Os empreendimentos ou estabelecimentos, independentemente de sua forma de constituição, destinados a prestar serviços de alojamento temporário, ofertados em unidades de frequência individual e de uso exclusivo do hóspede, bem como outros serviços necessários aos usuários, denominados de serviços de hospedagem, mediante adoção de instrumento contratual, tácito ou expresso, e cobrança de diária (Brasil, 2008, Art. 23).

Os meios de hospedagem são elementos fundamentais para o desenvolvimento do turismo, oferecendo não apenas um lugar para pernoitar, mas também uma experiência que pode definir a percepção do viajante sobre um destino. No Brasil, a diversidade de opções de hospedagem reflete a vasta gama de turistas que o país atrai, desde mochileiros até viajantes de luxo.

De acordo com Caetano *et al.* (2019) o turismo, enquanto alvo de investimentos e atenção tanto de iniciativas privadas quanto estatais, é amplamente considerado pelos estudiosos como uma atividade relativamente recente. No entanto, seus impactos econômicos, ambientais e sociais já demonstraram uma significativa influência ao longo dos últimos anos.

No que tange ao desenvolvimento da hotelaria no contexto do turismo no Brasil, os primeiros esforços para regulamentar a atividade e seus prestadores ocorreram com a criação da primeira Política Nacional de Turismo (PNT) na década de 1990. Desde então, a elaboração de políticas públicas relacionadas ao turismo tem se pautado pelas diretrizes estabelecidas em cada versão da PNT. Esse documento delinea os caminhos que o poder público deve seguir dentro de suas respectivas esferas para atingir as metas pré-definidas para o setor turístico no país (Caetano *et al.*, 2019).

A ideia de criar um sistema de parâmetros para regular o funcionamento dos meios de hospedagem brasileiros remonta à década de 1980, com o Decreto nº 84.910/80, que obrigava todos os estabelecimentos de hospedagem a se cadastrarem na Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) e a se submeterem à classificação. Esse movimento foi impulsionado pelo crescente protagonismo do setor hoteleiro em um momento em que o turismo ganhava destaque no cenário internacional. A busca por garantir a qualidade dos serviços oferecidos tornou-se uma prioridade para os gestores públicos. Embora o sistema tenha sido reformulado em 2002 devido a problemas de adesão, foi apenas em 2010, com o surgimento do Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass), que uma nova tentativa foi implementada (Caetano *et al.*, 2019).

Apesar da adesão continuar com índices baixos, o Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem (SBClass), estabelecido pelo Ministério do Turismo (2010), serve como um guia essencial para padronizar e assegurar a qualidade dos serviços oferecidos. Este sistema classifica as hospedagens em diferentes categorias, garantindo que os turistas saibam o que esperar.

De acordo com a Cartilha de Orientação Básica do SBClass, os meios de hospedagem são classificados em sete categorias distintas, cada uma com características próprias. Os hotéis, talvez o tipo mais tradicional e reconhecido, são avaliados de uma a cinco estrelas com base em critérios como infraestrutura, serviços oferecidos e conforto. Em contrapartida, as pousadas, que costumam ser estabelecimentos de menor porte e, muitas vezes, familiares, proporcionam uma experiência mais acolhedora e personalizada. Assim como os hotéis, também são classificadas de uma a cinco estrelas, variando de opções simples e confortáveis a acomodações extremamente sofisticadas, especialmente em destinos turísticos menores e áreas rurais, onde oferecem uma alternativa charmosa aos grandes hotéis.

Os resorts, por sua vez, são complexos que combinam hospedagem com uma ampla gama de instalações de lazer e entretenimento, proporcionando uma experiência

completa dentro do próprio estabelecimento, incluindo piscinas, campos de golfe e programas de entretenimento. A classificação dos resorts é determinada pela variedade e qualidade das instalações e serviços que disponibilizam. Já os *cama & café*, conhecidos como *hostels* ou albergues, são voltados principalmente para jovens viajantes e mochileiros, oferecendo acomodações econômicas e ambientes sociáveis, onde a interação social é incentivada. Este tipo de hospedagem, normalmente administrado por famílias em suas próprias residências, proporciona uma experiência íntima e autêntica, ideal para aqueles que buscam imersão na cultura local.

Outra categoria a ser considerada são os hotéis fazenda, que oferecem uma experiência única em áreas rurais, geralmente em propriedades ativas ou antigas. Esses estabelecimentos combinam conforto com a possibilidade de participar em atividades rurais, como passeios a cavalo e colheita de produtos agrícolas, sendo especialmente atraentes para famílias e turistas que desejam se conectar mais intimamente com a natureza e a vida no campo. Já os hotéis históricos têm relevância cultural e histórica significativa, localizados em edifícios de importância cultural, como palácios ou casarões antigos. Esses hotéis não apenas oferecem

serviços de alta qualidade, mas também proporcionam uma experiência autêntica que reflete a cultura e a história do local.

Por fim, os flats ou apart-hotéis oferecem unidades de hospedagem com serviços semelhantes aos de um hotel, mas com acomodações mais amplas e geralmente equipadas com cozinhas completas. Esses estabelecimentos atendem às necessidades de hóspedes que desejam uma estadia mais longa ou que buscam uma opção de hospedagem mais independente, permitindo-lhes preparar suas próprias refeições.

A cartilha, elaborada em 2010, detalha os critérios específicos para cada tipo de meio de hospedagem, abrangendo aspectos como infraestrutura, atendimento, sustentabilidade e acessibilidade. Essa classificação não apenas orienta os turistas na escolha da hospedagem, mas adequada às suas necessidades e incentiva os estabelecimentos a aprimorarem continuamente seus serviços em busca de uma classificação mais alta.

Os meios de hospedagem são fundamentais para a experiência do turismo e têm um impacto significativo no desenvolvimento do setor. A diversidade de opções disponíveis no Brasil, desde hotéis de luxo até pousadas acolhedoras e *hostels* sociáveis, atende a uma ampla gama de necessidades e preferências dos viajantes.

3.1 Meios de hospedagem no turismo ecológico

Os meios de hospedagem desempenham um papel fundamental no turismo ecológico, não apenas como fornecedores de acomodação, mas também como agentes ativos na promoção da sustentabilidade e conservação ambiental. Conforme argumentado por Weaver (2001), os meios de hospedagem ecológicos, ao adotarem práticas ambientalmente responsáveis, não apenas diminuem os impactos negativos sobre o meio ambiente, mas também desempenham um papel fundamental como modelos de sustentabilidade para outras partes do setor.

Além disso, Honey (2008) enfatiza que estes estabelecimentos têm o potencial de educar os hóspedes sobre questões ambientais, promovendo uma consciência ecológica que pode ser levada além da experiência da viagem. A infraestrutura e as práticas operacionais dos meios de hospedagem podem, portanto, influenciar significativamente o sucesso do turismo ecológico, promovendo a conservação dos recursos naturais e o desenvolvimento sustentável das comunidades locais.

3.2 Hospedagens na Serra da Capivara/PI

O Parque Nacional da Serra da Capivara, criado em 1979, localizada no estado do Piauí, a aproximadamente 502 km da capital, destaca-se como um dos mais

importantes destinos turísticos para os apreciadores da natureza e, principalmente, arqueologia, como mostra a Figura 2.

Este Parque Nacional, conhecido por sua rica biodiversidade e por abrigar as mais antigas pinturas rupestres do continente americano, segundo o Governo do Piauí¹, em 2023, conseguiu bater recorde de visitas, segundo dados divulgados pela administração do parque, 36.732 turistas brasileiros e estrangeiros conheceram a unidade de conservação.



Figura 2: Vista aérea da Serra da Capivara | Fonte: Governo do Piauí, 2024.

¹ <https://www.pi.gov.br/noticia/passeio-virtual-proporciona-experiencia-imersiva-no-parque-nacional-serra-da-capivara>

As pousadas são uma das principais opções de hospedagem na Serra da Capivara. Esses estabelecimentos, geralmente de menor porte e muitas vezes de gestão familiar, oferecem uma experiência mais intimista e acolhedora. São oferecidos, na maioria, o café da manhã, internet e opções de lazer. Embora menos comuns, também existem hotéis na região e oferecem um padrão mais elevado de conforto. Esses estabelecimentos geralmente possuem uma infraestrutura que inclui serviços como restaurante, área de lazer, piscinas e, em alguns casos, guias para passeios turísticos, o que os torna uma escolha atrativa para famílias e grupos maiores que buscam comodidade e opções de entretenimento durante a estadia.

Além disso, a Serra da Capivara conta com opções de *camping*, que proporcionam uma experiência mais imersiva na natureza. Eles são ideais para os turistas que desejam explorar a região de forma mais aventureira e econômica. São hospedagens que costumam oferecer áreas para instalação de barracas e, em alguns casos, estruturas com banheiros e cozinha. Esta modalidade de hospedagem é comum em turismo ecológico, porém, não é classificada segundo a SBClass.

A região também conta com opções de hospedagem em áreas mais afastadas, como ranchos e chalés. Esses estabelecimentos são perfeitos para aqueles que desejam se desconectar e aproveitar a tranquilidade da Serra da Capivara. Em

suma, a Serra da Capivara oferece uma diversidade de meios de hospedagem que atendem a diferentes perfis de turistas, desde aqueles que buscam conforto e serviços completos até os que desejam uma experiência mais próxima da natureza.

3.3 Hospedagens na Chapada Diamantina/BA

O Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado em 1985, situada no coração da Bahia, a 311km de Salvador, é um dos destinos turísticos mais deslumbrantes do Brasil. Conhecida por suas impressionantes paisagens naturais, incluindo cachoeiras, montanhas e cavernas, como mostra a Figura 3, a região atrai visitantes em busca de aventura, cultura e ecoturismo.

Para atender à crescente demanda do turismo ecológico, a Chapada oferece uma variedade de meios de hospedagem, desde pousadas aconchegantes até hotéis de maior porte, possibilitando que cada visitante encontre uma opção que atenda às suas necessidades.

As pousadas são uma das principais opções de hospedagem na Chapada Diamantina. Geralmente de menor porte e administradas por famílias, essas pousadas costumam oferecer serviços que incluem café da manhã, internet e dicas sobre trilhas e passeios, permitindo que os hóspedes desfrutem de uma experiência

rica em contato com a natureza local. Os hotéis, na Chapada Diamantina, são uma alternativa popular, especialmente em cidades como Lençóis e Palmeiras. Esses estabelecimentos têm uma infraestrutura mais robusta, os hotéis frequentemente oferecem serviços como restaurantes, piscinas, áreas de lazer e transporte para passeios turísticos.

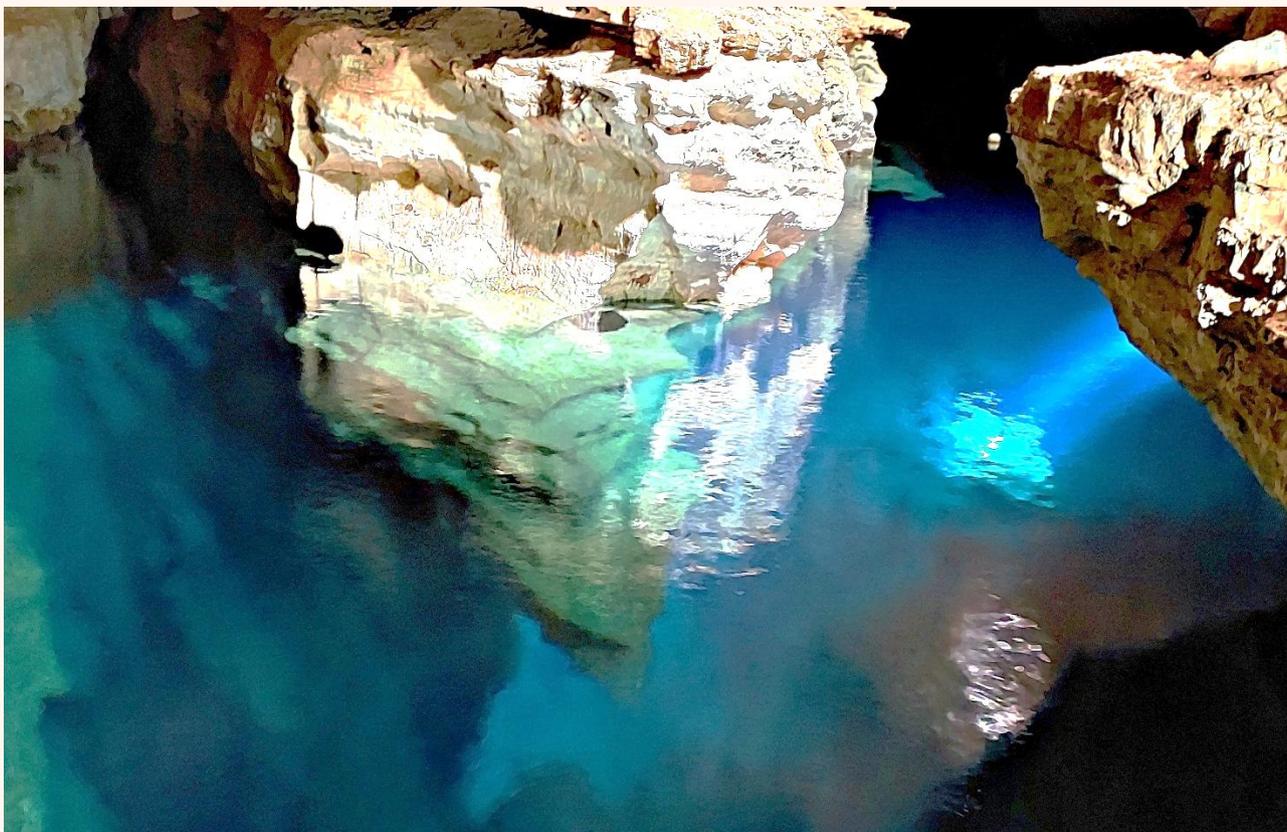


Figura 3: Poço Azul na Chapada Diamantina | Fonte: Bahia Terra, 2024.

Além disso, a Chapada Diamantina também conta com opções de hospedagem em chalés e cabanas, que proporcionam uma experiência única e mais isolada, ideal para aqueles que desejam se conectar com a natureza em um ambiente tranquilo. E áreas de *campings*, que são uma opção viável para os viajantes que buscam uma experiência mais econômica e aventureira.

Por fim, a diversidade de meios de hospedagem na Chapada Diamantina reflete a riqueza cultural e natural da região, atendendo a uma ampla gama de preferências e orçamentos.

3.4 Hospedagens em Fernando de Noronha/PE

Fernando de Noronha, um dos destinos turísticos mais renomados do Brasil e do mundo, é famoso por suas belezas naturais, biodiversidade marinha e paisagens deslumbrantes. Localizado a cerca de 354 km da costa de Pernambuco, o arquipélago atrai visitantes de todo o mundo em busca de praias paradisíacas e experiências únicas em meio à natureza, como mostra a Figura 4.

Em 2022, o Governo de Pernambuco divulgou uma lista² de pousadas que contavam com 150 nomes de lugares disponíveis para atender à demanda crescente de turistas. De acordo com o ICMBio Noronha³, só no primeiro semestre de 2024, o

arquipélago recebeu 56.948 visitantes, um aumento de 13% em relação ao mesmo período do ano passado.



Figura 4: Baía do Sancho, eleita a melhor praia do mundo cinco vezes por Travellers' Choice. | Fonte: Viagens Cine, 2023.

² <https://www.noronha.pe.gov.br/wp-content/uploads/2022/08/lista-de-pousadas-tpa.pdf>

³ <https://www.parnanoronha.com.br/single-post/parque-nacional-de-fernando-de-noronha-recebe-mais-de-55-mil-visitantes-no-primeiro-semester-de-2024>

No arquipélago é proibido acampar e não existe *hostel*, sendo as pousadas o meio de hospedagem mais comum na ilha. Geralmente de pequeno a médio porte, essas pousadas oferecem um ambiente aconchegante e intimista. Os serviços incluem café da manhã, *Wi-Fi* e informações sobre passeios e trilhas na ilha, permitindo que os hóspedes aproveitem ao máximo a experiência local. Os hotéis na ilha, embora menos numerosos do que as pousadas, também desempenham um papel importante no setor de hospedagem. Esses estabelecimentos contam com uma infraestrutura mais completa, oferecendo serviços como restaurantes, festas, piscinas e atividades recreativas.

Adicionalmente, a ilha oferece algumas casas de temporada e imóveis para aluguel por temporada, que proporcionam uma experiência mais autêntica e personalizada. Esses imóveis podem variar bastante em tamanho e capacidade, podendo acomodar de 4 a 12 pessoas. Embora não sejam classificados pela SBClass, muitas dessas propriedades oferecem um alto padrão de conforto e são uma opção interessante para famílias ou grupos de amigos que desejam desfrutar de uma estadia mais privativa.

A diversidade de meios de hospedagem em Fernando de Noronha reflete a demanda de visitantes da ilha, atendendo a uma ampla gama de preferências e orçamentos.

CAPÍTULO 4

4 VALE DO CATIMBAU

A presente pesquisa, do tipo explicativa, foi elaborada através do método de abordagem hipotético-dedutivo. Como métodos de procedimento, foram utilizados o método comparativo, relacionando o Parque Nacional do Catimbau com outras áreas semelhantes que possuem turismo ecológico, e o método estudo de caso, compreendendo os meios de hospedagens no entorno do referido parque.

A pesquisa documental permitiu identificar o arcabouço legal do parque, com destaque para o Decreto de 13 de dezembro de 2002, que formalizou sua criação. Essa etapa trouxe compreensões fundamentais sobre as diretrizes de gestão e conservação da área. Além disso, a pesquisa bibliográfica foi utilizada para embasar teoricamente o estudo, contextualizando o Catimbau em relação a outros destinos de ecoturismo e ampliando as perspectivas de análise.

A pesquisa em campo foi indispensável para observar diretamente as características ambientais, culturais e estruturais do parque e sua área de influência. Essa etapa facilitou a identificação de aspectos relevantes sobre a infraestrutura local, bem como a interação entre o parque e as comunidades no entorno.

Entrevistas foram realizadas com guias locais, donos de pousadas e o atual secretário de turismo de Buíque. Essas conversas permitiram explorar as percepções sobre o turismo no Catimbau, abordando questões como a gestão do fluxo de visitantes, a qualidade dos serviços oferecidos e a valorização do patrimônio local.

Paralelamente, um questionário foi aplicado na plataforma do Google Forms, abrangendo tanto moradores do estado de Pernambuco, como potenciais turistas nacionais e internacionais. O objetivo foi mapear a percepção do público sobre o parque, incluindo seus pontos fortes e fracos, os motivos para visitá-lo ou não, e suas impressões sobre as opções de hospedagem disponíveis.

A escolha desses métodos foi guiada pela necessidade de triangulação, unindo abordagens qualitativas e quantitativas para uma análise mais rica e confiável. As entrevistas trouxeram profundidade ao explorar opiniões individuais, enquanto os questionários revelaram padrões de percepção em um universo mais amplo. As visitas de campo, por sua vez, forneceram uma experiência direta do contexto pesquisado, complementando as informações obtidas.

Essa combinação de técnicas permitiu uma compreensão detalhada sobre o papel do Parque Nacional do Catimbau como destino de ecoturismo, os desafios

enfrentados pela comunidade local e as possibilidades de aprimoramento na infraestrutura turística e de hospedagem na região.

4.1 Parque Nacional do Catimbau

O Parque Nacional do Catimbau foi criado a partir do Decreto de 13 de dezembro de 2002, “com o objetivo de preservar os ecossistemas naturais existentes, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental e turismo ecológico” (Silva e Maia, 2008 *apud* Brasil, 2002).

O Parque Nacional do Catimbau, também conhecido como Vale do Catimbau, é uma área de grande relevância arqueológica, ecológica e geológica, possuindo uma das últimas reservas de Caatinga, bioma exclusivamente brasileiro.

De acordo com Brasil (2002), a área do Parque Nacional do Catimbau é de aproximadamente sessenta e dois mil e trezentos hectares, fica localizado à 292km da capital pernambucana, nos municípios de Buíque, Ibimirim e Tupanatinga, entre o agreste e o sertão do estado. O acesso ao Parque Nacional do Catimbau ocorre pela BR-232, seguido pela PE-270, no trecho entre Arcoverde e Buíque, e, em

seguida, por estrada recentemente asfaltada até a Vila do Catimbau, principal entrada do parque.

No Brasil, esse modelo de conservação ganhou força com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), instituído pela Lei 9.985/2000, que organiza as UCs em duas categorias: Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. Entre elas, os Parques Nacionais (PARNAs) se destacam por aliar conservação ambiental ao turismo ecológico, contribuindo para a preservação de ecossistemas relevantes e a educação ambiental.

Com a criação da PARNA do Catimbau, seu território passou a ser considerado uma Unidade de Conservação Integral, criada com o objetivo de preservar recursos naturais e fomentar visitas públicas, apresentam potencial para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico de regiões onde estão inseridas, especialmente por meio do ecoturismo.

Entretanto, essas áreas preservadas enfrentam críticas sobre sua concepção, particularmente quanto às questões fundiárias, que frequentemente envolvem conflitos com comunidades locais. A criação de territórios protegidos podem acarretar deslocamentos forçados ou restrições no uso da terra, o que exige estratégias de gestão que equilibrem conservação e inclusão social. Ainda assim, os

defensores argumentam que os benefícios do ecoturismo, como aumento da conscientização ambiental e fundos adicionais para conservação, superam os desafios.

O guia de turismo Luciano Bezerra Cavalcanti destacou, em entrevista, que ainda há aproximadamente 600 famílias residindo na área do Vale do Catimbau, aguardando o recebimento de indenizações pela desapropriação de suas terras. Além disso, durante a pesquisa em campo foi possível visualizar essas habitações tanto em locais onde são realizadas trilhas quanto em lugares mais remotos, visíveis em virtude da paisagem panorâmica proporcionada pelas chapadas, conforme ilustrado a Figura 5.

Os problemas fundiários, que persistem até os dias atuais, têm levado os proprietários não indenizados a cobrarem uma taxa de dez reais para permitir o acesso de visitantes às trilhas situadas em suas terras. Entre as treze⁴ trilhas disponíveis, apenas a Trilha do Santuário pode ser percorrida gratuitamente, uma vez que já foi regularizada e está sob a administração do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

⁴ <https://entreparkesbr.com.br/wp-content/uploads/2022/11/trilhas-1.pdf>



Figura 5: Panorama da paisagem do Parque Nacional do Vale do Catimbau, foto tirada durante a Trilha do Chapadão | Fonte: Autoria própria, 2024.

Quanto aos usos, o parque oferece aos visitantes a oportunidade de explorar opções de trilhas, observar animais silvestres, contemplar o céu, e conhecer seus sítios arqueológicos, como pinturas rupestres que datam mais de 6000 anos. Além disso,

no seu entorno, encontra-se a reserva indígena Kapinawá, remanescentes quilombolas do Mundo Novo, comunidades do Fasola e da Serra do Catimbau.

De acordo com a Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (2024), os dez parques nacionais mais visitados possuem valores que variam de 178 mil até 3,5 milhões de visitantes no ano, como mostra a Tabela 1.

	Local	Nº de Visitas
1º	Parque Nacional da Tijuca	3,5 milhões
2º	Parque Nacional de Jericoacoara	1,6 milhões
3º	Parque Nacional do Iguaçu	1,5 milhões
4º	Parque Nacional da Serra da Bocaina	701 mil
5º	Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha	678 mil
6º	Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses	367 mil
7º	Parque Nacional do Monte Pascoal	366 mil
8º	Parque Nacional de Brasília	198 mil
9º	Parque Nacional de Ubajara	186 mil
10º	Parque Nacional Serra dos Órgãos	178 mil

Tabela 1: Número de visitantes anuais dos dez primeiros parques nacionais no ranking nacional.

Fonte: Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo | Editado pela autora, 2024.

Diante desse *ranking*, pode-se enfatizar o potencial de atrações desse tipo de segmento turístico. No entanto, quando se trata do Vale do Catimbau, de acordo com documentos oficiais de Buíque, encaminhados pela assessora especial de turismo, Fernanda Carvalho de Souza, o quantitativo informado é de 16.889 visitantes no ano de 2023, um valor bem abaixo da média, principalmente quando comparado com o outro Parque Nacional encontrado em Pernambuco, o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, com 678 mil.

Em entrevista com o secretário de turismo de Buíque, Esildo Barros Ramos, a expectativa para este ano é de um aumento significativo no número de visitantes ao Parque Nacional do Catimbau, que, apenas no mês de maio, recebeu quase cinco mil pessoas. O hotel de grande porte mais próximo do parque, o Hotel Cruzeiro, localizado em Arcoverde, também reflete esse movimento. De acordo com o gerente, Ivan Gomes, no mês de agosto já havia grupos de passeio para o Catimbau agendados, em todos os finais de semana, até janeiro do próximo ano.

Esse crescimento na demanda reflete o crescente interesse da população por destinos como a região do Vale do Catimbau, que atrai turistas em busca de experiências que integrem contato com a natureza, aventura e conhecimento cultural. As pessoas que se deslocam até a região, geralmente, não o fazem em

visitas rápidas de um dia, mas preferem prolongar sua estadia para explorar todas as belezas e atrações que a região oferece.

Além disso, o potencial natural e histórico da região atrai, também, diversos grupos escolares, conforme destacado por Rocha e Oliveira (2022). O turismo pedagógico, como chamado, traz grupos interessados em educação ambiental e conhecimento sobre a flora, fauna e geologia da região do Vale do Catimbau. De acordo com o guia Luciano Bezerra Cavalcanti, os visitantes desse segmento são, em sua maioria, provenientes de escolas situadas em municípios próximos ao parque, organizados em grupos que variam entre 80 e 120 pessoas.

Por meio do questionário disponibilizado no Google Forms, foi possível coletar dados de 132 respostas, e a análise dos gráficos revela algumas percepções interessantes sobre o conhecimento e o interesse do público em relação ao Vale do Catimbau.

Quando perguntado se já conhecia o Parque Nacional do Catimbau, observa-se que a maioria dos participantes (43,9%) já havia ouvido falar sobre o Vale do Catimbau através de amigos ou familiares, indicando que o boca a boca desempenha um papel importante na divulgação do local. Em seguida, 28% dos respondentes mencionaram que conheceram o local por meio de programas de TV ou documentários, evidenciando o impacto de mídias audiovisuais na promoção de

áreas naturais. Já 15,9% ficaram sabendo do Vale através de redes sociais ou da internet, e 12,1% afirmaram nunca ter ouvido falar do lugar. Esses dados indicam que, embora o conhecimento sobre o parque esteja difundido, há ainda uma parcela significativa que desconhece o destino, sugerindo uma oportunidade de ampliar as campanhas de divulgação digital e midiática.

Na pergunta seguinte, em relação às visitas, 38,6% dos entrevistados responderam que já visitaram o Vale do Catimbau e gostariam de retornar, o que demonstra uma experiência positiva e um alto nível de satisfação entre os visitantes. Por outro lado, 37,1% dos respondentes afirmaram nunca ter visitado o local, evidenciando um público potencial de novos visitantes. Além disso, 22% disseram que têm planos de visitar o parque, indicando um interesse considerável em conhecê-lo. Apenas uma pequena parcela (2,3%) afirmou que já visitou, mas não deseja retornar, o que pode indicar pontos de melhoria na experiência oferecida.

Os resultados do questionário corroboram com os dados obtidos nas entrevistas, que destacam o aumento da demanda pelo local. No entanto, observa-se que ainda há espaço para ampliar a visibilidade do parque, especialmente nos meios digitais, para atrair um público mais amplo.

4.2 Meios de hospedagem no Vale do Catimbau

A crescente popularidade do Parque Nacional do Catimbau como destino turístico contribui não apenas para a preservação ambiental, mas também para o desenvolvimento econômico da região. Diante desse contexto, a pesquisa foi desenvolvida buscando compreender como um incremento na rede de hospedagens de Buíque pode contribuir para um aumento ainda maior da procura por visitantes no Vale do Catimbau.

Constata-se que a Vila do Catimbau dispõe de onze pousadas, as quais, em conjunto, oferecem um total de 237 leitos. Na cidade de Buíque, localizada a aproximadamente 13 quilômetros de distância (cerca de 20 minutos de carro) pela rodovia PE-270, encontram-se mais quatro pousadas, com capacidade total de 206 leitos. Em Arcoverde, a uma distância de quase 40 quilômetros (aproximadamente 50 minutos de carro), situa-se o Hotel Cruzeiro, amplamente utilizado como ponto de apoio para visitantes do parque, especialmente para quem procura maior infraestrutura e para grupos grandes que buscam acomodação conjunta.

Esses dados podem ser reforçados quando se analisa o questionário aplicado, onde observa-se a distribuição dos locais de hospedagem preferidos pelos visitantes. Dos que já visitaram o local, o maior percentual, 30,3%, corresponde àqueles que

optaram por se hospedar no Hotel Cruzeiro, em Arcoverde. Em segundo lugar, com 7,6% representam turistas que se hospedaram em alguma pousada em Buíque. A Vila do Catimbau registrou apenas 3,8% de procura, e o *camping* com 2,3%.

Embora o percentual mais baixo esteja relacionado à utilização de *camping*, o município de Buíque oferece 450 leitos destinados a essa modalidade de hospedagem. Em entrevista com Luciano, guia de turismo, ele comentou que os turistas buscam acomodações que ofereçam maior infraestrutura e conforto.

Pode-se concluir, portanto, que a maioria dos visitantes prefere hospedar-se em cidades vizinhas, o que reforça a demanda por hospedagem e destaca a necessidade de uma estrutura mais adequada na Vila do Catimbau para atender os turistas e oferecer uma experiência satisfatória.

Além disso, no questionário, os entrevistados também avaliaram a qualidade das acomodações utilizadas. Entre os que se hospedaram, 35,6% consideraram que as acomodações "precisam melhorar", enquanto 9,1% classificaram-nas como "regulares" e apenas 5,3% as avaliaram como "boas". Esses dados indicam uma percepção majoritariamente insatisfatória das acomodações locais, revelando uma oportunidade de aprimoramento na infraestrutura de hospedagem da região.

Também foi questionado sobre a facilidade em encontrar hospedagem no Vale do Catimba e os resultados indicam que, entre os que já visitaram, apenas uma pequena parcela encontrou hospedagem com facilidade: 7,6% disseram que havia opções, embora limitadas, enquanto 2,3% afirmaram ter encontrado opções fora da Vila do Catimbau. Apenas 0,8% indicaram a existência de muitas opções. Esses dados sugerem que há uma limitação significativa de oferta de hospedagem na região, sendo este um fator que pode impactar negativamente o turismo local.

Em entrevista com Esildo Barros Ramos, secretário de turismo de Buíque, foi informado que, para atender adequadamente à demanda turística da região, o ideal seria a disponibilização de 2.500 leitos, incluindo o suporte do hotel situado em Arcoverde. Esse número representa mais do que o dobro da capacidade atualmente disponível.

A análise geral dos questionários, em conjunto com as entrevistas realizadas, revela que o setor de hospedagem no Vale do Catimbau enfrenta diversas limitações. A dificuldade em identificar acomodações adequadas, aliada à escassez de opções acessíveis e de qualidade, constitui um obstáculo significativo ao pleno desenvolvimento do potencial turístico da região.

CAPÍTULO 5

5 CASOS DE REFERÊNCIA

A arquitetura em empreendimentos hoteleiros voltados para o turismo ecológico tem se tornado cada vez mais relevante no cenário contemporâneo, onde o desejo por experiências imersivas e sustentáveis encontra-se em evidência. Esses empreendimentos, projetados especificamente para regiões de beleza natural ou relevância ambiental, exigem uma abordagem arquitetônica sensível, que leve em consideração tanto as características do ambiente local quanto as expectativas dos turistas.

Analisar estudos de caso de empreendimentos bem-sucedidos nesse setor não apenas ajuda a elucidar as melhores práticas para a concepção de hotéis ecológicos, mas também oferece *insights* sobre a maneira como esses espaços podem equilibrar a valorização do turismo com a preservação ambiental, a arquitetura não serve apenas à função estética ou de conforto, mas se compromete com a sustentabilidade, adaptando-se ao clima, à topografia e à flora e fauna locais.

O compromisso com essas diretrizes pode trazer benefícios significativos tanto para os turistas quanto para as comunidades e o ambiente, já que o design cuidadoso promove uma experiência imersiva e respeitosa às necessidades de preservação

ambiental, hotéis que incorporam práticas ecológicas e arquitetônicas sustentáveis podem oferecer benefícios econômicos e sociais para as regiões onde estão localizados. Por um lado, eles geram empregos e fortalecem a economia local, ao passo que incentivam a valorização da cultura e das tradições da comunidade. Por outro, aumentam a conscientização dos turistas sobre questões ambientais, oferecendo uma oportunidade de aprendizado e de conexão direta com a natureza. Esses estudos de caso permitem estabelecer diretrizes de projeto que equilibrem a valorização do espaço turístico com a responsabilidade ambiental, respondendo às demandas do mercado sem prejudicar o ecossistema. A análise serve como um recurso valioso para o desenvolvimento de projetos futuros em arquitetura sustentável, inspirando empreendedores e arquitetos que desejam criar experiências turísticas enriquecedoras e integradas à natureza.

5.1 Serra da Capivara Hotel Resort e Convention/PI

O Serra da Capivara Hotel Resort e Convention, em São Raimundo Nonato, Piauí, possui 50 quartos e oferece várias comodidades, como auditório, academia, piscina, restaurante, loja de artesanato local, sala de reuniões e spa. Localizado próximo ao Parque Nacional Serra da Capivara, facilita o acesso dos visitantes ao parque, uma área reconhecida pela UNESCO por seu valor cultural e arqueológico. O hotel é fruto

de uma parceria público-privada⁵, visando impulsionar o turismo local e fortalecer a economia da região.



Figura 6: Estudo de ocupação da pousada no terreno.

Fonte: Google Maps | Editado pela autora, 2024.

⁵ <https://www.saoraimundo.com/em-sao-raimundo-nonato-governador-inaugura-hotel-de-referencia-para-o-turismo-na-regiao/>

Como não foi encontrado imagens do projeto, com base em referências obtidas no Google Maps, estima-se que o terreno (área vermelha) possui aproximadamente 4.800 metros quadrados, dos quais cerca de 3.000 metros quadrados são ocupados pela pousada. Na entrada do terreno, encontra-se o restaurante Pedra Furada (área amarela), seguido pela recepção do hotel à direita, que está posicionada de forma mais recuada. A estrutura arquitetônica do local apresenta um formato em "U" para as acomodações (área azul), com as áreas comuns retilíneas localizadas ao centro (área verde), como ilustrado na Figura 6.

Os ambientes internos foram projetados utilizando tonalidades que remetem ao contexto natural em que a pousada está inserida. Predominam tons neutros e terrosos, aliados à presença de elementos como vegetação, pedras e madeira, resultando em um espaço acolhedor e convidativo. Embora o objetivo seja integrar aspectos do ambiente externo ao interno, todos os espaços da pousada foram concebidos com acabamentos e design sofisticados, visando proporcionar aos turistas conforto e comodidade durante sua estadia, ilustrado na Figura 7, Figura 8 e Figura 9.



Figura 7: Área comum ao ar livre da pousada. | Fonte: Serra da Capivara Hotel Resort e Convention, 2024.

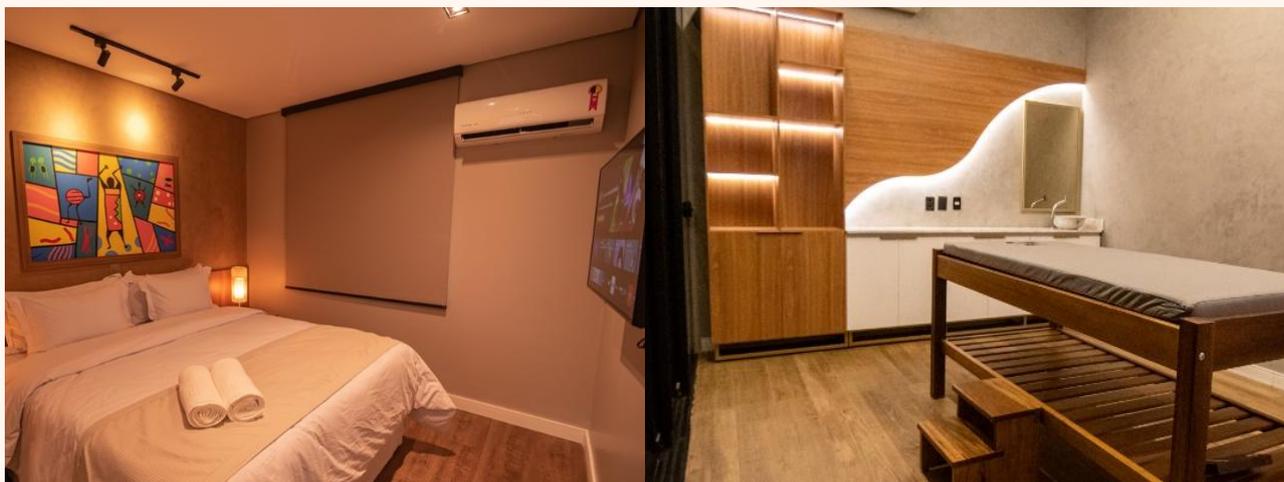


Figura 8: A esquerda foto de uma acomodação e a direita o spa disponível na pousada. |
Fonte: Serra da Capivara Hotel Resort e Convention, 2024.



Figura 9: A esquerda foto da recepção e a direita o restaurante da pousada. | Fonte: Serra da Capivara Hotel Resort e Convention, 2024.

5.2 Refúgio da Serra Boutique Hotel/BA

O Refúgio na Serra Boutique Hotel está localizado na cidade de Mucugê, na Bahia, em pleno coração da Chapada Diamantina. Este hotel boutique foi projetado pela GAM Arquitetos⁶, em 2020, e ocupa um espaço de 748 metros quadrados. O hotel possui uma arquitetura que respeita o patrimônio histórico da cidade, integrando-se ao ambiente natural ao redor, com uma vista deslumbrante para a Serra e um grande jardim a céu aberto.

⁶ <https://www.archdaily.com.br/br/975930/refugio-na-serra-boutique-hotel-gam-arquitetos>

Em termos de acomodações, o Refúgio na Serra oferece um número exclusivo de suítes, com detalhes projetados de forma única para cada quarto, criando uma experiência personalizada para os hóspedes. O hotel foca na simplicidade luxuosa, com acabamentos naturais e materiais regionais, como madeira e pedra.



Figura 10: Planta baixa do hotel. | Fonte: ArchDaily, acessado em 2024.

Em uma visita à Mucugê os arquitetos foram levados até uma antiga pousada, locada em um terreno no centro da cidade histórica de Mucugê, com vista para a serra e com um enorme jardim a céu aberto. Os proprietários da pousada viram ali o potencial para transformar a simples pousada em um hotel boutique, reformando completamente a “casca” existente e aproveitando esse oásis verde no centro da cidade (ArchDaily, acessado em 2024).

A localização do hotel, embora no centro da cidade histórica, está bem estabelecida para quem deseja explorar a Chapada Diamantina e as atrações naturais da região. O Refúgio é ideal para quem busca conforto e contato com a natureza, longe da agitação dos centros urbanos.

Segundo o ArchDaily (2024), o principal direcionamento do projeto foi garantir que a arquitetura contribuísse para a experiência imersiva com a Chapada, a serra e a natureza, como mostra a Figura 10. A proposta apresenta traços leves, valorizando um conceito de luxo aliado à simplicidade. Houve uma preocupação em criar espaços leves e fluidos, com o mobiliário inteiramente concebido em alvenaria e revestido com microcimento. Além disso, foram utilizados materiais naturais, evidenciando o cuidado com cada detalhe, de modo a acolher os hóspedes,

proporcionar sensação de aconchego e estabelecer uma conexão harmoniosa com a vegetação que circunda o hotel, mostrado nas Figura 11 e Figura 12.



Figura 11: Áreas comuns e de circulação da pousada. | Fonte: ArchDaily, acessado em 2024.



Figura 12: Áreas internas da acomodação. | Fonte: ArchDaily, acessado em 2024.

A arquitetura dos dois exemplos analisados, o Serra da Capivara Hotel Resort e Convention, no Piauí, e o Refúgio da Serra Boutique Hotel, na Bahia, apresenta características relevantes de referência para o projeto hoteleiro proposto. Ambos evidenciam uma integração cuidadosa com o contexto natural e cultural de suas localizações, cada um respeitando as particularidades de seus territórios.

No caso do Serra da Capivara, a organização funcional, o uso de tons neutros e terrosos, combinado com materiais como madeira e pedras, reforça a conexão com o ambiente externo, enquanto sua área de lazer completa e o design sofisticado garante conforto. Já o Refúgio da Serra, projetado pela GAM Arquitetos, adota uma abordagem mais compacta e intimista, com traços leves que destacam a simplicidade. A utilização de materiais regionais, como madeira e pedra, e a personalização das suítes oferecem uma experiência única e imersiva. A integração da vegetação nos espaços internos e externos contribui para uma sensação de aconchego, enquanto a área de circulação descoberta se conecta diretamente com a paisagem, promovendo uma interação fluida e harmoniosa com o ambiente natural.

Ambos os projetos mostram que uma arquitetura que respeita o ambiente local, ao mesmo tempo que promove conforto e estética sofisticada, pode ser essencial para agregar valor à proposta turística, integrando-a à identidade regional e ao contato com a natureza. Essas estratégias podem ser replicadas e adaptadas no desenvolvimento do projeto hoteleiro em questão, conciliando as demandas da região e a legislação específica da área de intervenção.

CAPÍTULO 6

6 PROPOSTA ARQUITETÔNICA

6.1 Condicionantes

A escolha do terreno para a construção do hotel no Parque Nacional do Catimbau, como mostra a Figura 13, foi motivada por fatores estratégicos e ambientais que contribuem para uma experiência turística diferenciada e sustentável.

Situado a apenas 15 minutos de caminhada do centro da Vila do Catimbau, o local proporciona proximidade à comunidade local, incentivando a vivência cultural e o fortalecimento da economia regional, além de gerar empregos para a população.



Figura 13: Estudo da localização do terreno proposto. | Fonte: Google Maps - Editado pela autora,

2024.

A posição privilegiada do terreno, em divisa com o parque e com vista para a emblemática Pedra do Cachorro, assegura integração total com o ambiente natural, oferecendo privacidade e tranquilidade aos visitantes. Adicionalmente, sua localização no caminho de diversas trilhas torna-o um ponto de apoio ideal para ecoturistas, favorecendo a exploração das paisagens e atrativos da região.

Para construir na área ao redor do Parque Nacional do Catimbau, em Buíque, é necessário considerar as legislações específicas de uso do solo e de proteção ambiental. O parque é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, isso implica em restrições severas para atividades que possam impactar os ecossistemas locais.

Seguindo informações baseadas em legislações gerais aplicáveis às Unidades de Conservação (UCs), como o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) (Lei n.º 9.985/2000), o Código Florestal Brasileiro (Lei n.º 12.651/2012), e normas amplamente utilizadas nos Planos de Manejo de Parques Nacionais, a construção próxima ao Parque Nacional do Catimbau deve respeitar limites de impacto ambiental, como a capacidade de carga de visitantes, e seguir padrões de integração visual, com alturas de no máximo dois pavimentos e uso de materiais compatíveis com o ambiente natural.

O processo legal exige a obtenção de licenças ambientais do órgão gestor (ICMBio), realização de Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e consulta ao Plano de Manejo da unidade. Além disso, de acordo com o Art. 2º, inciso XVIII, da Lei do SNUC, são definidas as zonas de amortecimento como áreas adjacentes à unidade de conservação, fora de seus limites, que exerce influência direta ou indireta sobre ela, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas específicas para minimizar impactos na unidade.

Apesar disso, em entrevista concedida pelo secretário de Turismo de Buíque, Esildo Barros Ramos, foi informado que, recentemente, foi publicado um decreto autorizando a edificação em terrenos localizados na zona de amortecimento. Dessa forma, a restrição passou a se aplicar exclusivamente às construções dentro do limite do Parque Nacional do Catimbau. Apesar das tentativas de contato, não foi possível obter acesso aos documentos mencionados, incluindo o decreto relativo à construção na área do polígono de entorno e o plano diretor do município de Buíque.

No entanto, considerando a liberação para construção na área escolhida para pesquisa de acordo com o que foi dito em entrevista, foram analisados dados extraídos do *software* Sol-AR, versão 6.2, referente ao município de Buíque, para compreender as velocidades predominantes dos ventos e a frequência de

ocorrência, ambas distribuídas por direção cardinal e suas variações sazonais nas estações do ano (primavera, verão, outono e inverno). Esses dados permitem compreender padrões climáticos importantes para estudos de planejamento ambiental, energético e arquitetônico.

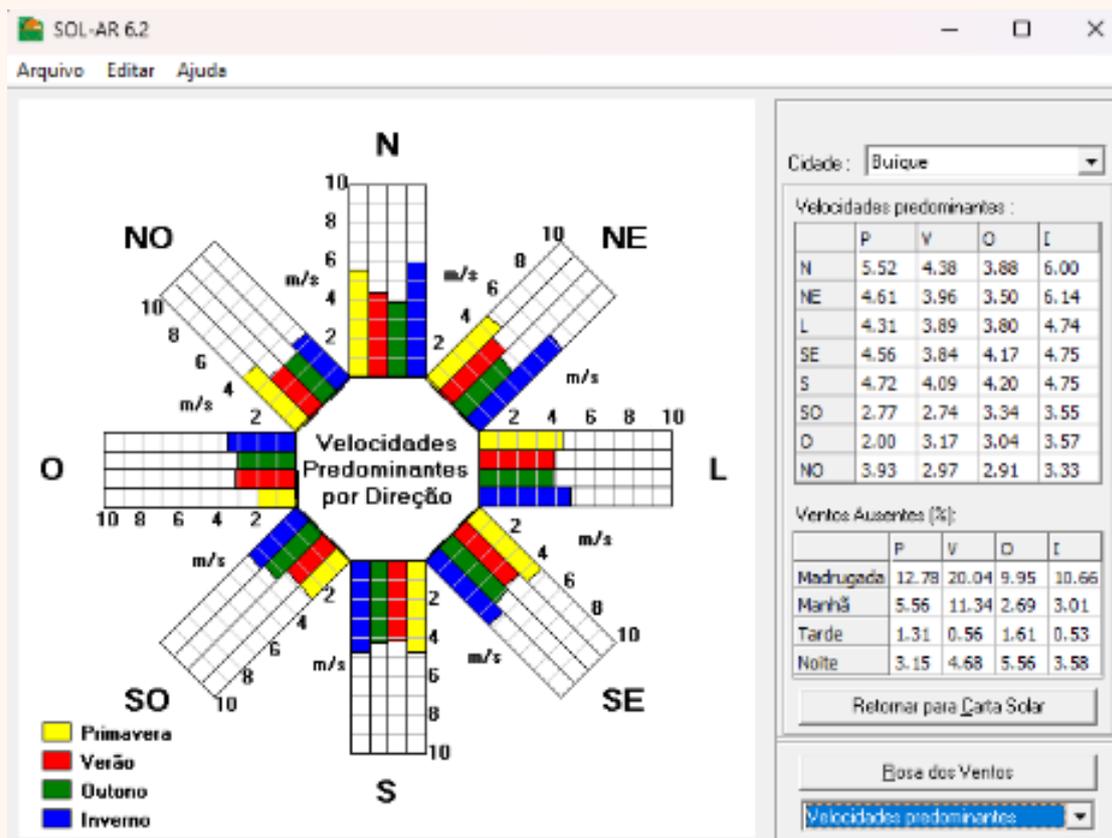


Figura 14: Velocidades predominantes por direção no município de Buíque. | Fonte: Sol-AR, 2024.

Na análise das velocidades predominantes por direção, ilustrado na Figura 14, verificou-se que os ventos apresentam variação significativa entre as estações. As direções Norte (N) e Leste (L) registraram os ventos mais intensos, com velocidades médias mais altas, destacando-se na estação de inverno (N: 6,00 m/s e L: 4,74 m/s). Por outro lado, as direções Sudoeste (SO) e Oeste (O) apresentam as velocidades mais baixas ao longo do ano, com valores médios variando de 2,74 m/s a 3,93 m/s. Em termos sazonais, os ventos durante o verão e inverno tendem a ser mais intensos em todas as direções.

Quanto à frequência de ocorrência dos ventos, Figura 15, os dados mostram que a direção Leste (L) é predominante, com taxas de frequência acima de 37% na maioria das estações, sendo mais expressiva no verão (38,22%) e primavera (37,37%). A direção Sudeste (SE) também é significativa, com valores de ocorrência superiores a 29% em quase todas as estações, especialmente no inverno (37,86%). Já as direções Oeste (O) e Sudoeste (SO) apresentam as menores frequências, com valores inferiores a 1% durante o ano.

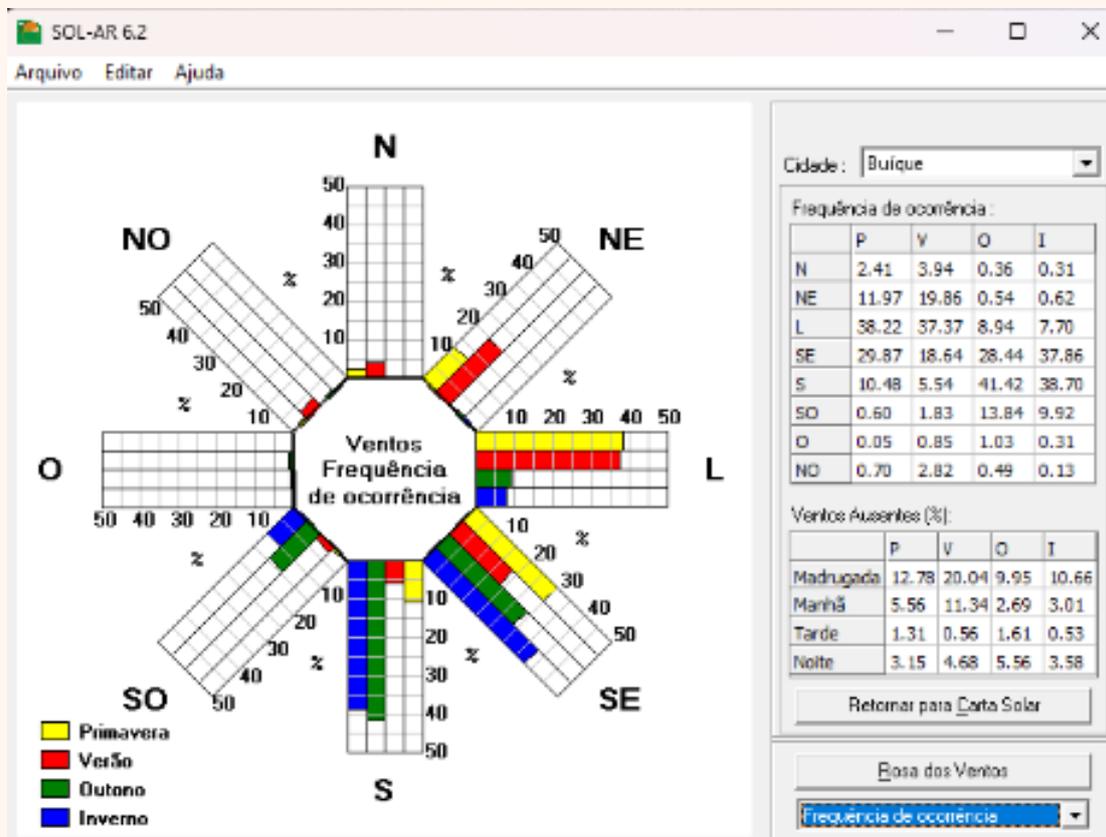


Figura 15: Ventos predominantes de ocorrência no município de Buíque. | Fonte: Sol-AR, 2024.

Adicionalmente, o terreno selecionado apresenta baixa declividade, com uma amplitude altimétrica de aproximadamente 15 metros, variando entre 749 e 764 metros, conforme ilustrado na Figura 16. Essa informação foi obtida por meio de

uma planta topográfica disponível no *site* Topographic Map⁷, utilizada para a estimativa dos dados.

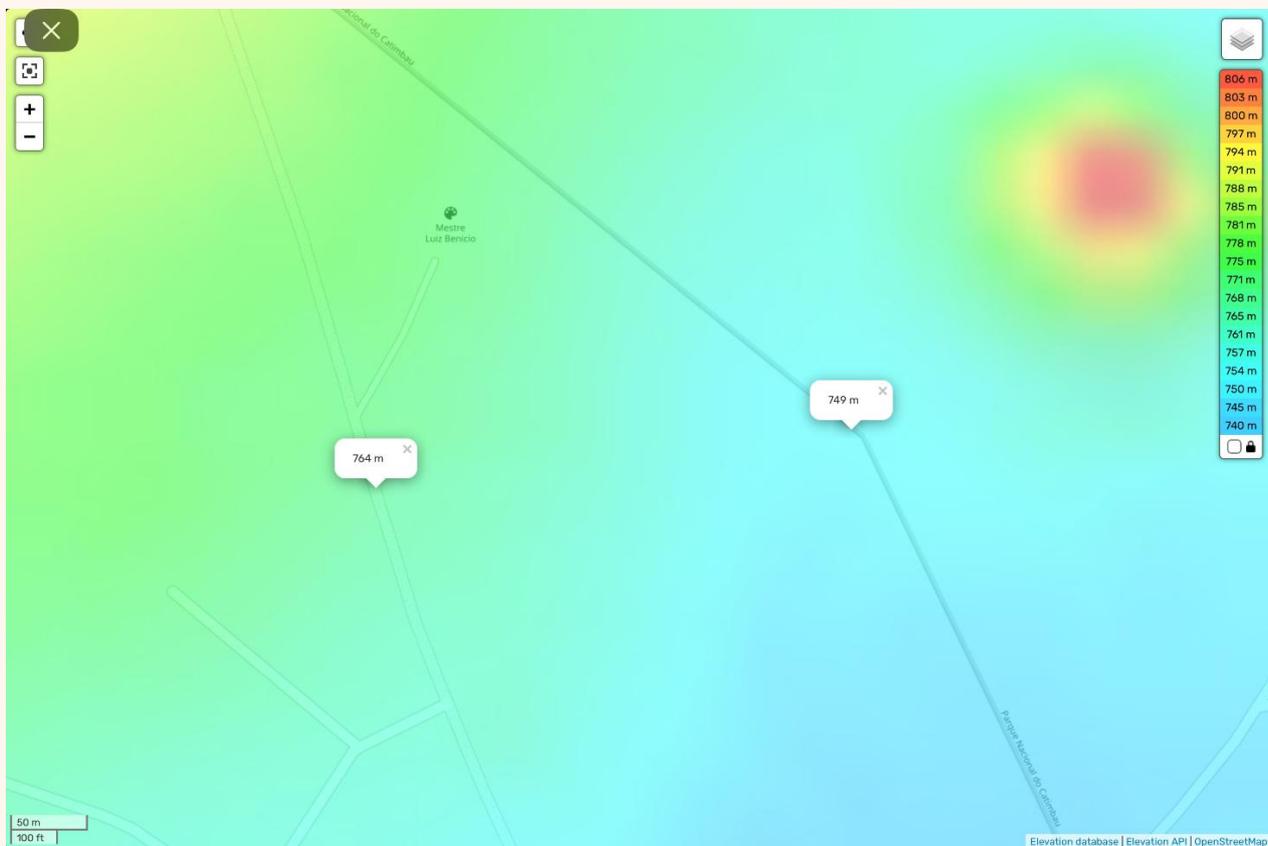


Figura 16: Variação altimétrica encontrada no terreno proposto. | Fonte: Topographic Map – Editado pela autora, 2024.

⁷ <https://pt-br.topographic-map.com/map-3271h/Bu%C3%ADque/>

A vegetação da caatinga é caracterizada pela predominância de espécies xerófilas, adaptadas às condições de clima semiárido, com folhas reduzidas, troncos retorcidos e presença de espinhos (Freire *et al*, 2018). Na área selecionada para estudo, observa-se que a vegetação é mais escassa, composta por raros arbustos de pequeno porte e gramíneas, sem a presença de cobertura vegetal densa. Essa característica resulta em um terreno com baixa densidade de biomassa, o que pode facilitar a ocupação do solo para atividades humanas, reduzindo a necessidade de desmatamento significativo e minimizando impactos ambientais relacionados à supressão de vegetação nativa.

O entorno do terreno proposto para a pesquisa apresenta características predominantemente rurais, com baixa densidade de ocupação construída. As edificações existentes são pontuais, seguindo um conceito de gabarito baixo, comum em áreas pouco urbanizadas. Entre os usos presentes na redondeza, destacam-se ateliês de artesãos locais, que reflete a valorização da cultura regional, e áreas destinadas ao *camping*.

6.2 Programa de necessidades

A última pergunta realizada no questionário aplicado revela as principais prioridades dos turistas ao escolherem uma hospedagem durante suas viagens. O

"conforto das acomodações" aparece como o principal fator, citado por 59,1% dos respondentes, evidenciando a importância de oferecer quartos bem equipados, aconchegantes e que proporcionem uma experiência de descanso de alta qualidade. Além disso, a "localização próxima aos principais pontos turísticos" foi mencionada por 47%, destacando que os viajantes valorizam acessibilidade e conveniência para explorar a região. A "integração com o meio ambiente" (39,4%) e a busca por "privacidade e tranquilidade" (29,5%) reforçam a preferência por ambientes que permitam uma conexão harmoniosa com a natureza e que ofereçam um refúgio para relaxamento.

Outro fator relevante é o "estilo arquitetônico que reflete a cultura local" (33,3%), apontando para o interesse em vivências autênticas e alinhadas ao contexto regional. Elementos como "área de lazer" e "espaços diferenciados" também aparecem, mas em menor grau, indicando que são complementares às prioridades principais.

Os resultados da pesquisa indicam que, para atrair hóspedes, os hotéis devem priorizar a criação de espaços que ofereçam conforto, estejam bem localizados, sejam integrados ao ambiente natural e valorizem a cultura regional. Conforme Urry (2001), a estética e a identidade visual são elementos essenciais para a atração de

turistas, contribuindo para a construção de espaços significativos. Nesse contexto, a integração dos meios de hospedagem à paisagem local e a promoção de elementos culturais regionais emergem como estratégias capazes de enriquecer a experiência dos visitantes e fomentar o turismo sustentável.

6.3 Proposta arquitetônica

Com base nos dados apresentados ao longo da pesquisa, o hotel proposto será composto por 40 chalés, atendendo à crescente demanda turística na região. Além disso, contará com um restaurante, para hóspedes e público em geral, ampla área verde que favorece a integração com a vegetação local, e uma área com lareira (*fireplace*), projetada para proporcionar conforto aos visitantes durante as noites mais frias, permitindo também a apreciação do céu estrelado característico do agreste pernambucano.

Devido a ausência de acesso à legislação local vigente, o projeto foi desenvolvido considerando a utilização de 10% da área do terreno para edificações, com base em diretrizes gerais aplicáveis aos Planos de Manejo. E, além disso, optou-se por construções térreas, visando assegurar um baixo impacto visual para os turistas que visitam o Parque Nacional do Catimbau.

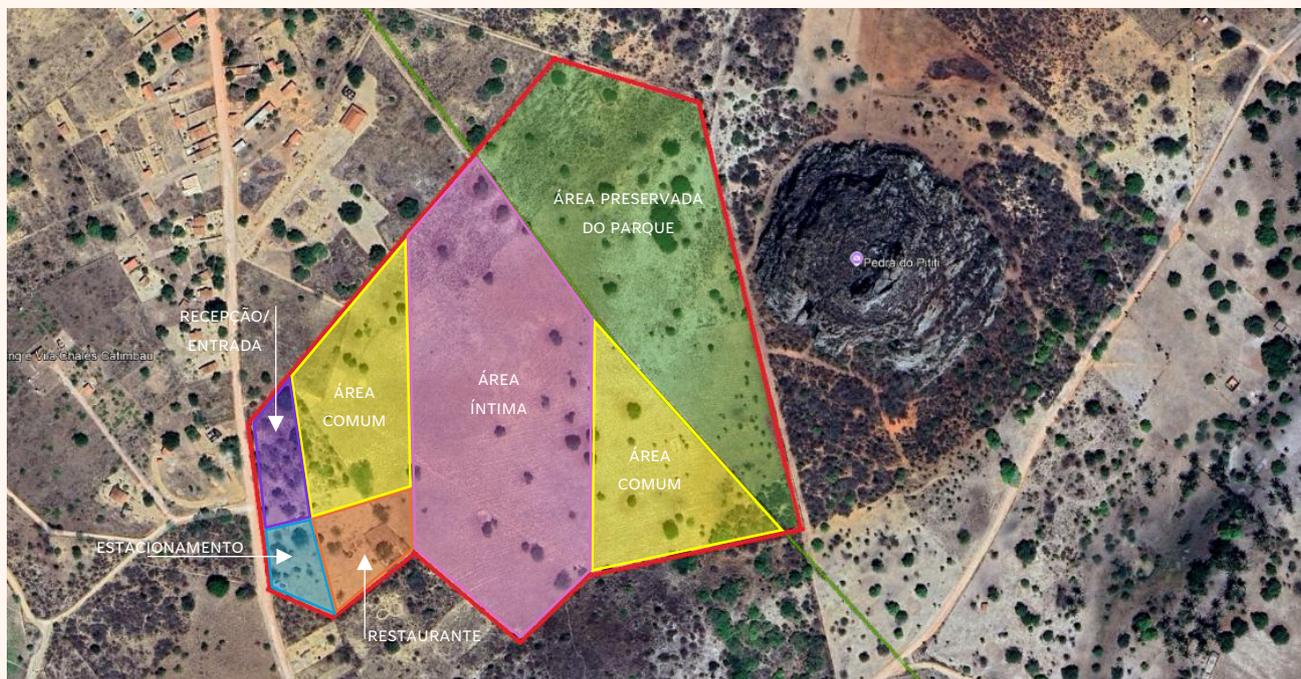


Figura 16: Zoneamento do terreno. | Fonte: Google Earth – Editado pela autora, 2024.

No *site* do ICMBio⁸ é possível consultar a delimitação do limite do Parque Nacional do Catimbau em relação ao terreno selecionado. Ressalta-se que a área em verde, na Figura 17, está inserida dentro dos limites do parque e é destinada à preservação ambiental, sendo regulamentada de acordo com as normas estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

⁸ <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/caatinga/lista-de-ucs/parna-do-catimbau>

A recepção e entrada principal, representadas em roxo, marcam o primeiro contato dos hóspedes com o hotel, refletindo a identidade do projeto por meio de um *design* acolhedor e integrado ao contexto local. Esse espaço foi concebido para transmitir uma sensação de boas-vindas, com elementos que dialogam com a arquitetura vernacular e a paisagem do Vale do Catimbau.



Ao adentrar o ambiente, o visitante é recebido por uma ampla pele de vidro, como mostra a Figura 17, que enfatiza a vista para a Pedra do Cachorro, um monumento icônico do Vale do Catimbau e vizinho ao terreno. Essa composição desperta uma sensação de curiosidade e um convite à exploração, instigando o desejo de descobrir mais sobre o local.

Figura 17: Planta baixa da recepção.

Fonte: Autora, 2024.

As áreas comuns, destacadas em amarelo, incluem espaços cuidadosamente planejados para atender às diversas necessidades dos visitantes. Entre eles estão o lobby, o *fireplace*, o lago artificial e a plantação de uva, um elemento tradicional da região. O lago foi projetado para ser um espaço multifuncional, permitindo aos hóspedes um banho refrescante nos dias quentes do início da tarde, enquanto o espaço com lareira oferece um ambiente aconchegante e ideal para aproveitar as noites frias, criando momentos de socialização ou contemplação.

Além disso, o hotel conta com diversos locais estrategicamente concebidos como “instagramáveis”, perfeitos para sessões de fotos. Esses espaços destacam a integração entre arquitetura e paisagem, capturando a essência única do ambiente natural e cultural da região. Os detalhes arquitetônicos e a composição paisagística tornam o hotel um cenário ideal para registrar memórias inesquecíveis.

O restaurante, representado em laranja, ocupa uma posição estratégica no conjunto, sendo acessível tanto para os hóspedes quanto para visitantes externos. Com capacidade para atender uma grande quantidade de pessoas, ele foi projetado para oferecer uma experiência gastronômica única, aliando pratos típicos da região com uma ambientação simples que ressalta a cultura local. Além disso, o estacionamento, destacado em azul, garante comodidade aos usuários, sendo

dimensionado para atender à capacidade máxima de hóspedes e visitantes eventuais.



Figura 18: Planta baixa da restaurante.

Fonte: Autora, 2024

Conforme ilustrado na Figura 18, o restaurante foi projetado para maximizar a apreciação da vista panorâmica de 180°, proporcionando aos visitantes uma experiência única de encantamento e tranquilidade. Localizado na face oeste, o espaço é circundado por um espelho d'água, que não apenas aprimora o conforto térmico, mas também intensifica a conexão com a natureza, refletindo a luz e criando uma atmosfera serena.

Já a área íntima, destacada em rosa, é composta por 40 chalés cuidadosamente projetados para aliar conforto e funcionalidade, como mostra a Figura 19. Cada unidade dispõe de um espaço compacto e bem equipado para pequenas preparações culinárias, atendendo às necessidades de hóspedes que apreciam

maior autonomia durante a estadia. Além disso, incluem banheiro completo, armários para armazenamento pessoal e uma cama aconchegante para garantir uma boa noite de descanso.

Aproveitando a topografia em declive do terreno, todas as acomodações oferecem uma vista deslumbrante para o parque, com toda a fachada leste em pele de vidro, proporcionando uma experiência única de conexão com a natureza, sem renunciar à privacidade e tranquilidade.



Figura 19: Planta baixa do chalé. Fonte: Autora, 2024

Além disso, todas as edificações foram projetadas com telhado verde, uma solução que favorece a integração das construções à paisagem natural, melhora o conforto térmico interno, ajudando a manter a temperatura agradável mesmo sob o sol intenso durante o dia, e demonstra um compromisso com práticas sustentáveis, minimizando o impacto ambiental.

Toda a composição arquitetônica foi cuidadosamente projetada para harmonizar com a vegetação e a cultura local, utilizando materiais como pedra e madeira, aliados a elementos contemporâneos como paredes de vidro e circulações abertas. Essas soluções vão além da estética, promovendo uma experiência sensorial que integra os ambientes internos e externos, valorizando a interação com a natureza e a paisagem única do parque nacional. A arquitetura proporciona vistas deslumbrantes e cria uma conexão especial com a beleza do ecossistema e da astronomia regional, permitindo aos hóspedes vivenciarem o local de forma imersiva e autêntica.































CAPÍTULO 7

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A singularidade do Parque Nacional do Catimbau, em Pernambuco, traz consigo uma importância cultural, ambiental, arqueológica e histórica na identidade do estado. A preservação do patrimônio, de qualquer natureza, pressupõe a permanência de seu uso, visto que a ausência de uso contribui com o abandono e o conseqüente arruinamento, ou mesmo perda do bem.

No caso do Vale do Catimbau, os usos turístico e educacional predominam, mas, assim como qualquer atividade, requer infraestrutura adequada, como acesso, segurança, limpeza e, entre outros fatores, hospedagem. É importante que cada um desses aspectos atenda às necessidades e que, juntos, contribuam para a preservação do Vale.

Tendo em vista o real impacto gerado pelo desenvolvimento dos meios de hospedagens, a infraestrutura é uma questão central, não apenas na quantidade de leitos, mas também na oferta de itens e serviços que complementem a experiência vivenciada no Vale.

Além de sua importância arquitetônica, o projeto se apresenta como uma ferramenta para impulsionar o desenvolvimento econômico e social da área. Sendo

assim, conclui-se que o desenvolvimento de um empreendimento hoteleiro com características sustentáveis e culturais, como o apresentado neste trabalho, pode contribuir significativamente para a valorização do Vale do Catimbau, consolidando-o como um destino turístico relevante e promovendo a interação equilibrada entre o homem e o meio ambiente.

Este estudo espera servir como base para projetos futuros e como um incentivo à pesquisa e ao planejamento responsável na área de arquitetura e urbanismo voltados ao turismo sustentável.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO INTERNACIONAL DO TURISMO. **Infográfico Turismo de Natureza**. 2024. Disponível em: https://embratur.com.br/wp-content/uploads/2023/03/Embratur_Infografico_Turismo_de_Natureza_Mar2024.pdf. Acesso em: 06 abr. 2024.

BADARÓ, R. A. de L. **O Direito do turismo através da história e sua evolução**. Disponível em: Acesso em: 24 maio 2024.

BRAGA, D. **Agências de viagens e turismo: práticas de mercado**. São Paulo: Campus, 2007.

BRASIL. **Decreto nº 13.000, de 13 de dezembro de 2002**. Cria o Parque Nacional do Catimbau, nos Municípios de Ibirimir, Tupanatinga e Buíque, no Estado de Pernambuco, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/2002/dnn9771.htm. Acesso em: 29 fev. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: Orientações Básicas**. 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/segmentacao-do-turismo/ecoturismo-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2024.

ECOBRAZIL. **Manual de melhores práticas para o ecoturismo** / Organizador: Roberto M. F. Mourão. - Rio de Janeiro: FUNBIO; Instituto ECOBRASIL, Programa MPE, 2004.

FREIRE, N. C. F.; MOURA, D.; SILVA, J.; MOURA, A.; MELO, J.; PACHECO, A. **Atlas das caatingas – O único bioma exclusivamente brasileiro**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2018.

MATIAS, M. **Organização de eventos: procedimentos e técnicas**. Barueri: Manole, 2001.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Ecoturismo: Orientações Básicas**. 2010. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/ecoturismo-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2024.

MINISTÉRIO DO TURISMO E FUNDAÇÃO UNIVERSA. **Cartilha de Orientação Básica: Sistema Brasileiro de Classificação de Meios de Hospedagem**. 2010. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/anavelasque/cartilha-sbclass>. Acesso em: 15 mar. 2024.

ROCKTAESCHEL, B. M. **Terceirização em áreas protegidas: estímulo ao Ecoturismo no Brasil**. São Paulo: Senac, 2006.

SÃO PAULO. Secretaria do Meio Ambiente. **Ecoturismo**. Texto: Oliveira, Anna Carolina lobo de et. al. Atualização: Koga, Érika Sayuri; Kaneshiro, Daniela Midori. 2ª ed. - São Paulo: SMA, 2014.

SILVA, J. H.; MAIA, F. B. A. **O turismo no Parque Nacional do Catimbau: Avaliação dos benefícios da atividade percebidos pelos moradores**. Turismo – Visão e Ação, v. 10, n. 2, p. 204-220, 2008.

TADINI, R. F. **Fundamentos do Turismo**. v. 1 / Rodrigo Fonseca Tadini, Tania Melquiades. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

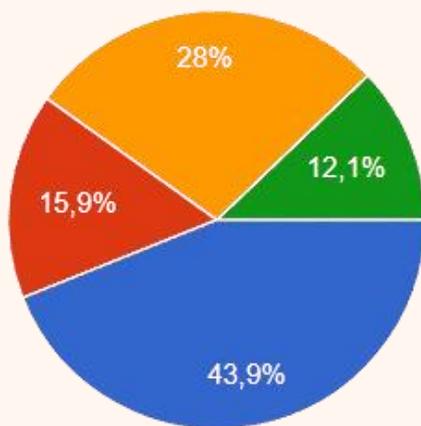
URRY, J. **O Olhar do Turista**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Sesc, 2001.

WEAVER, D. (Ed.). **The encyclopedia of ecotourism**. Wallingford: Cabi Books, 2001.

APÊNDICE A

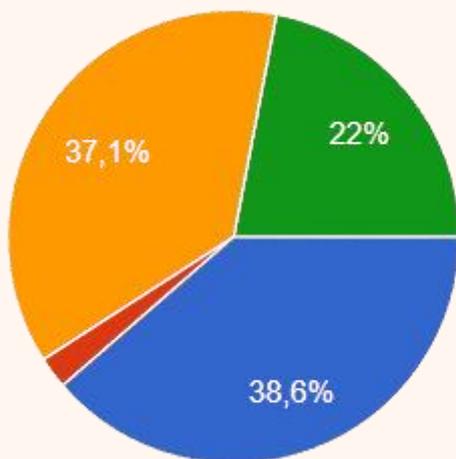
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

01) Antes deste questionário, você já tinha ouvido falar no Vale do Catimbau?



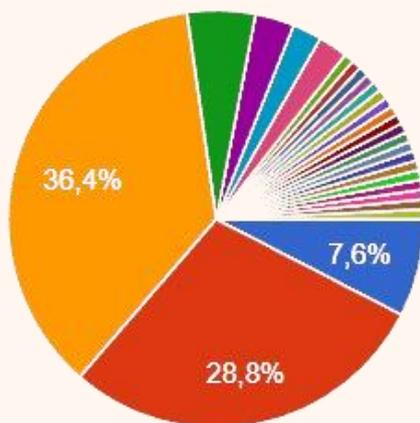
- Sim, já ouvi falar através de amigos ou familiares
- Sim, já ouvi falar através de redes sociais ou internet
- Sim, já ouvi falar através de programas de tv/documentários
- Não, nunca ouvi falar

02) Você já visitou o Vale do Catimbau?



- Sim, já visitei e quero voltar
- Sim, já visitei e não quero voltar
- Não, nunca visitei
- Tenho planos de visitar

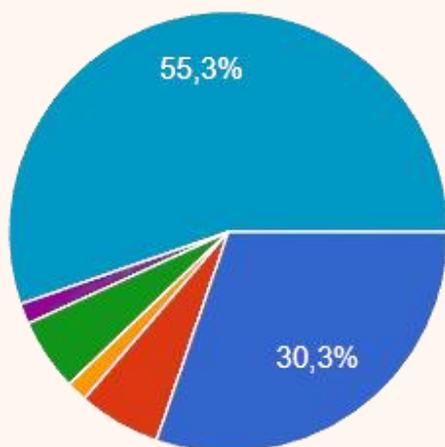
03) O que te impede de conhecer/ir novamente no Vale do Catimbau?



- Dificuldade de transporte devido a dist...
- Falta de informação sobre o local
- Poucas opções de hospedagem
- Já visitei
- Ja visitei
- Tempo
- Oportunidade
- Fazer um plano de viagem

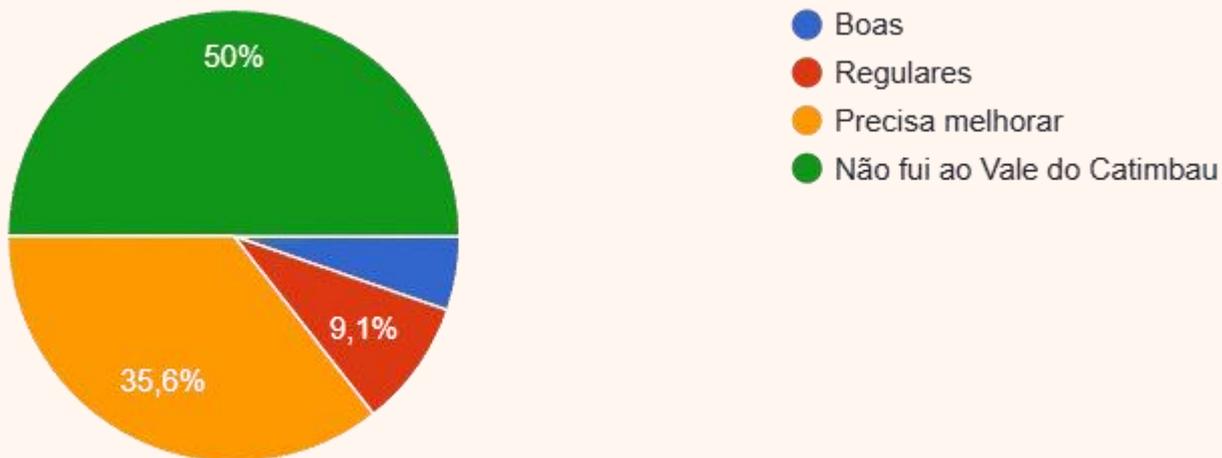
▲ 1/4 ▼

04) Se você já visitou, onde se hospedou?

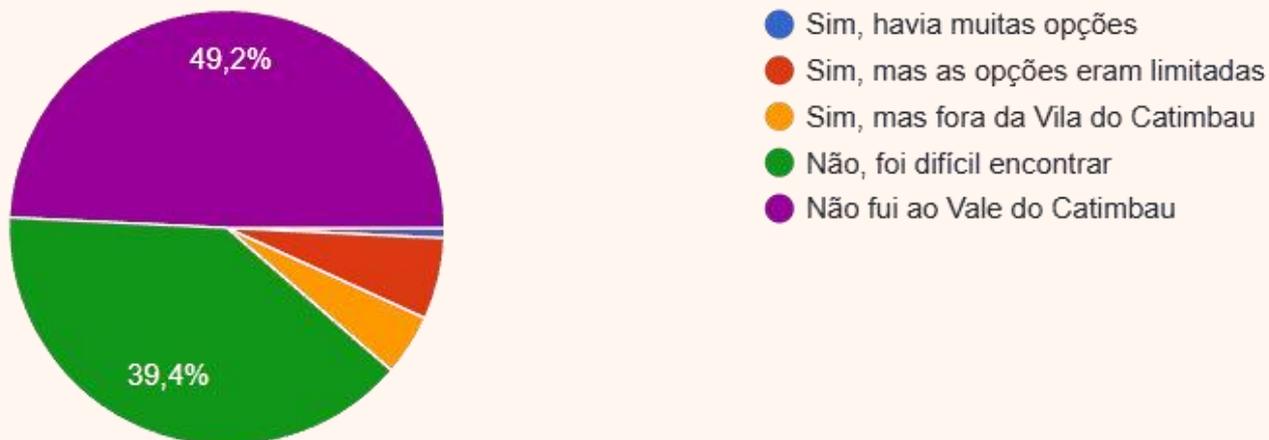


- Em um hotel em Arcoverde
- Em uma pousada em Buíque
- Em uma pousada na Vila do Catimbau
- Em um camping na Vila do Catimbau
- Não me hospedei, foi uma visita rápida
- Não fui ao Vale do Catimbau

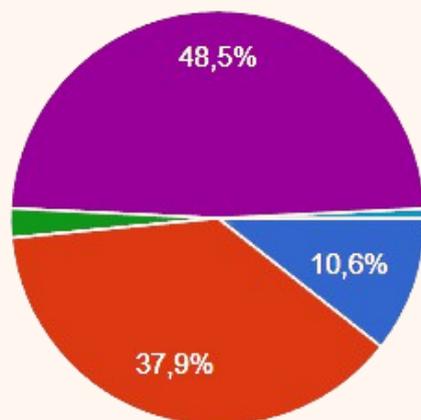
05) Como você avalia a qualidade das acomodações em que se hospedou?



06) Você achou fácil encontrar hospedagem no Vale do Catimbau?

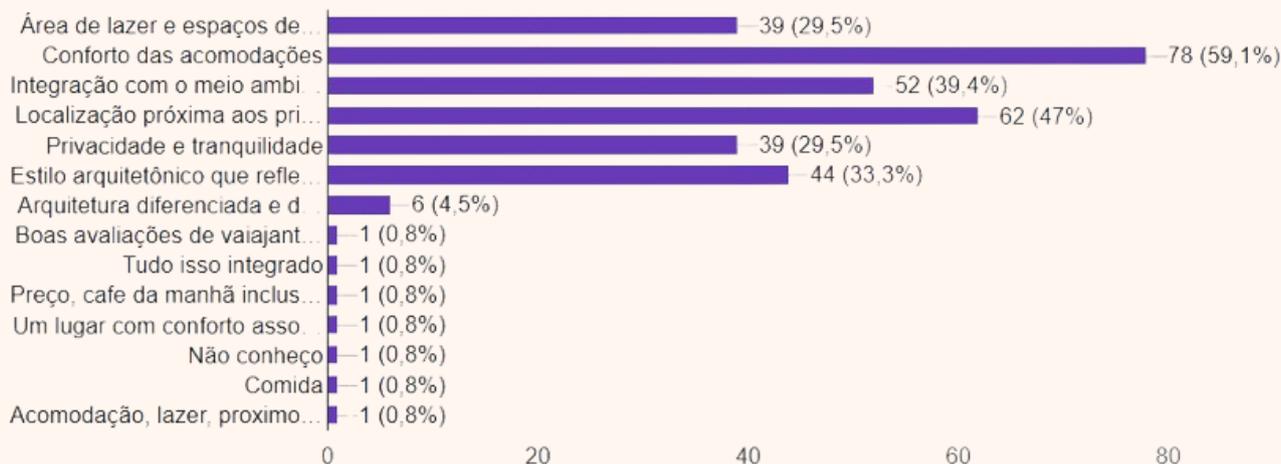


07) O que você acha que poderia ser melhorado no setor hoteleiro da região?

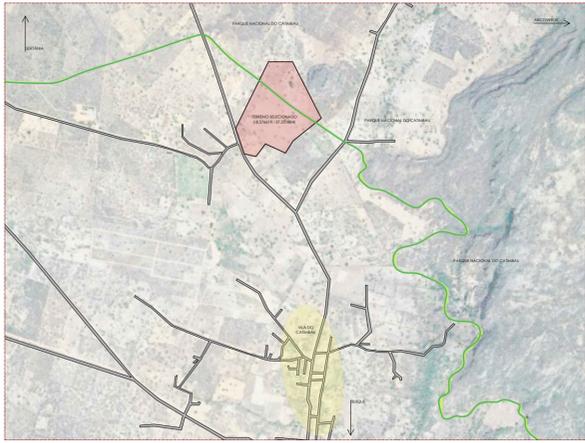


- Melhor infraestrutura
- Mais opção de hospedagem
- Atendimento e hospitalidade
- Nada, estou satisfeito
- Não conheço o setor hoteleiro da região
- Apesar de não ter ido lá, pesquisei muito sobre a estrutura da cidade e hospedagem. E são muito poucas, de baixa qualidade e caríssimas.

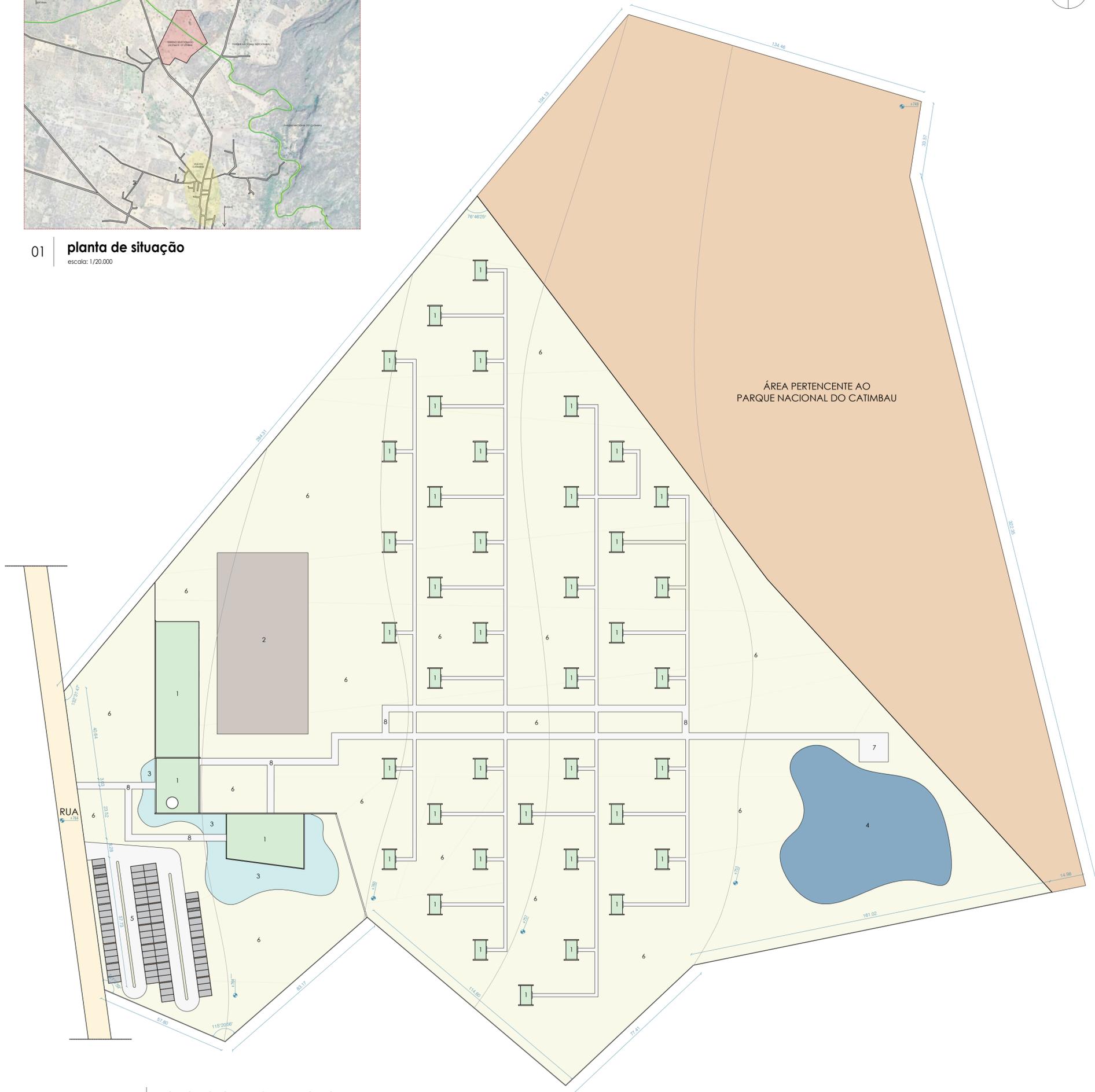
08) De modo geral, o que mais te atrai ao escolher uma hospedagem numa viagem?



APÊNDICE B



01 **planta de situação**
escala: 1/20.000



QUADRO DE ÁREAS

	DESCRIÇÃO
área total	132.190,69m ²
área preservada	44.092,09m ²
área disponível para construção	88.098,60m ²
área construída	4.035,70m ²
área de solo natural	76.343,53m ²

LEGENDA

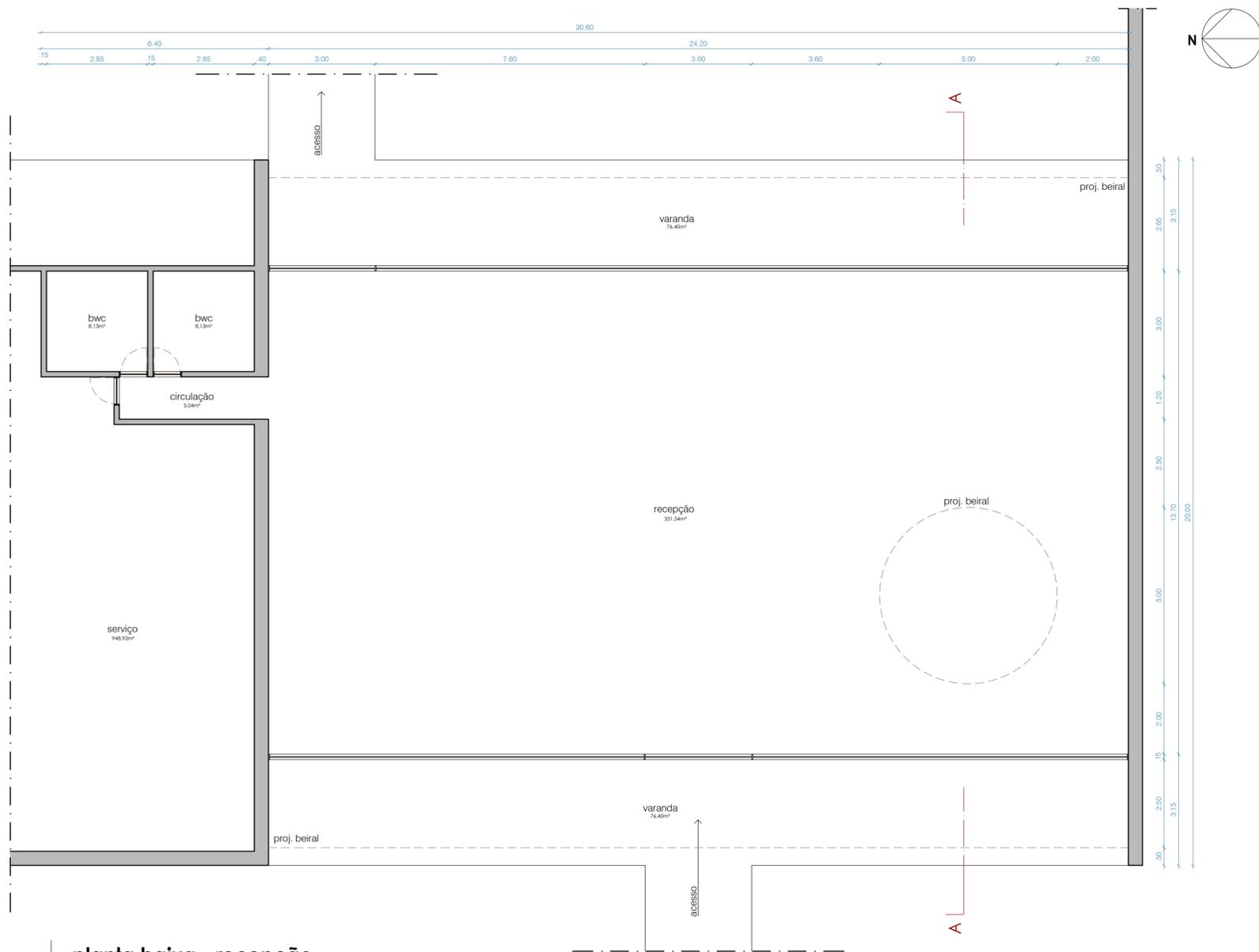
NÚMERO	DESCRIÇÃO	NÚMERO	DESCRIÇÃO
1	telhado jardim	5	estacionamento
2	plantação de uva	6	solo natural
3	espelho d'água	7	fireplace
4	lago artificial	8	circulação

02 **planta de locação e coberta**
escala: 1/1.000

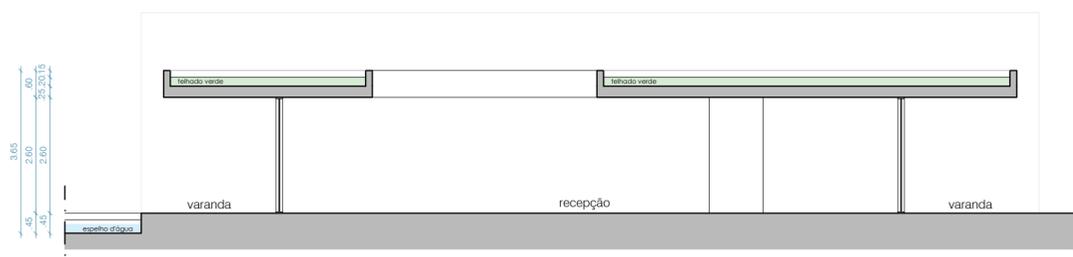
aurora do catimbau hotel

Proposta arquitetônica de hospedagem, localizado no entorno do Parque Nacional do Catimbau, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso para graduação curso de Arquitetura e Urbanismo.

Etapas: **anteprojeto**
Conteúdo: **planta de situação | planta de locação e coberta**
Escala: 1/20.000 | 1/1.000
Data: dezembro | 2024



03 planta baixa - recepção
escala: 1/100



04 corte AA
escala: 1/100



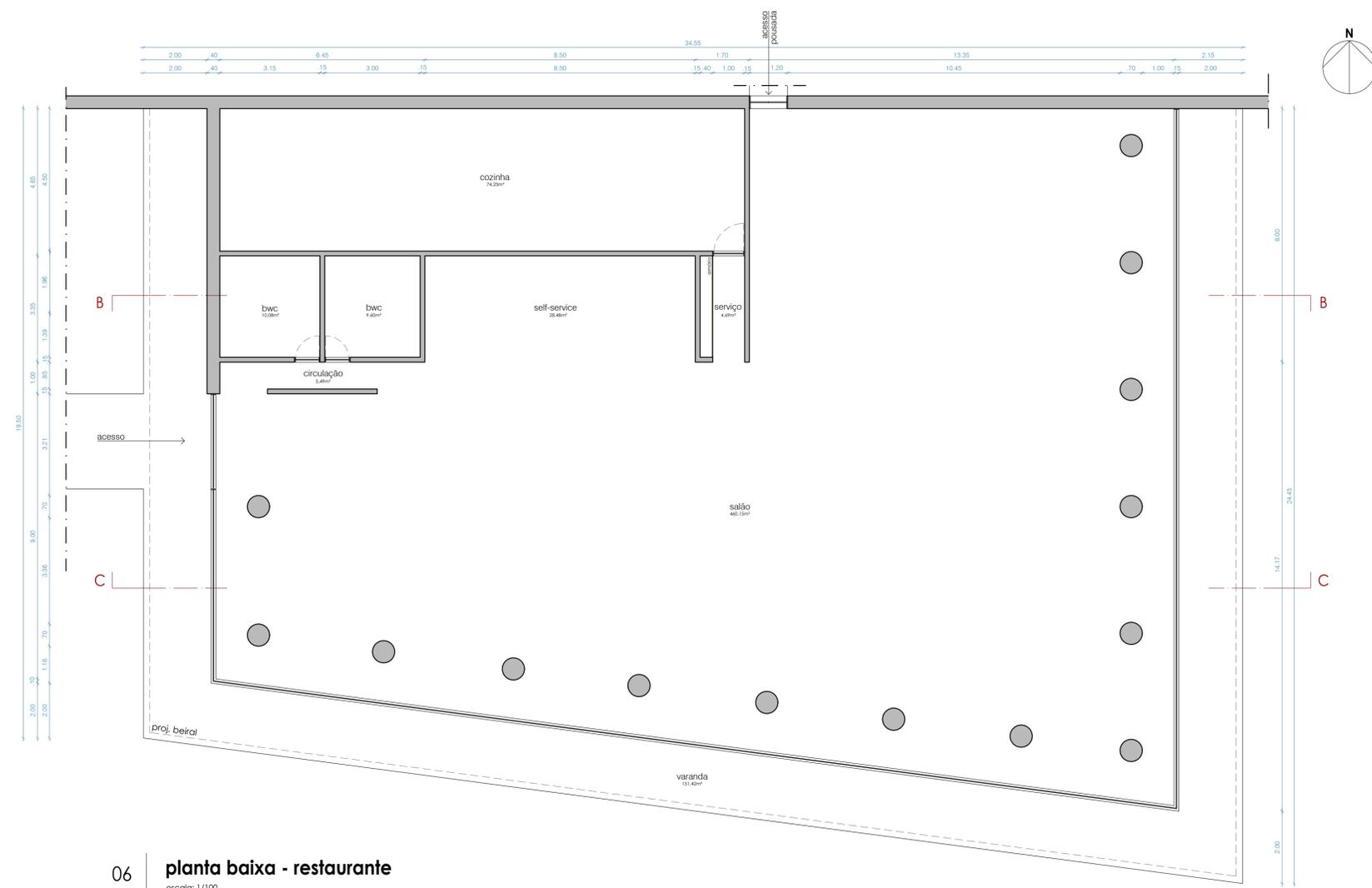
05 fachada frontal (oeste)
sem escala

aurora do catimbau hotel

Proposta arquitetônica de hospedagem, localizado no entorno do Parque Nacional do Catimbau, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso para graduação curso de Arquitetura e Urbanismo.

Etapa: **anteprojeto**
Conteúdo: **planta baixa | corte AA | fachada recepção**
Bloco: **recepção**
Escala: 1/100
Data: dezembro | 2024

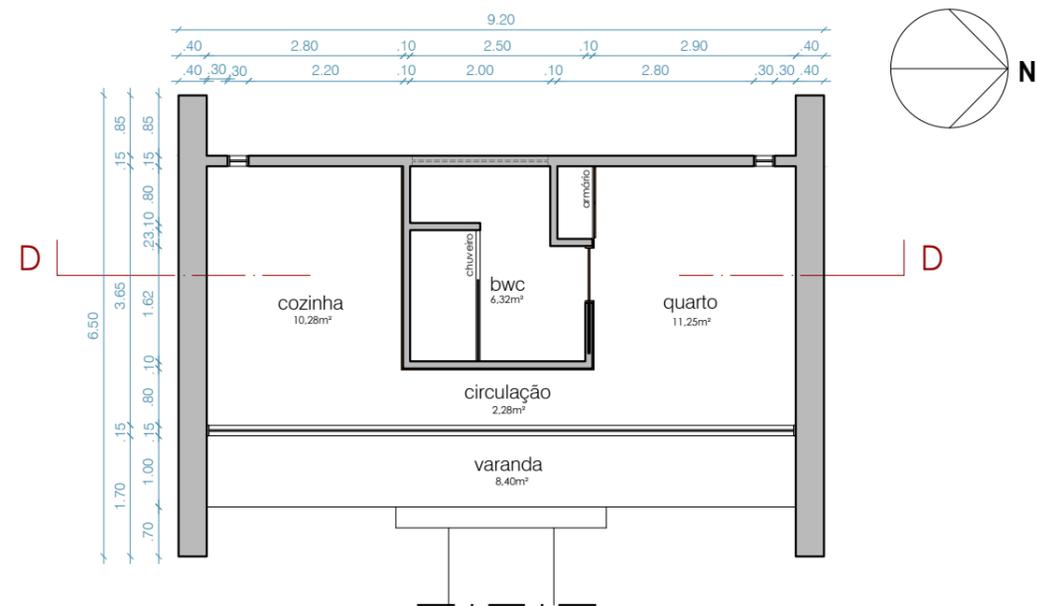
02.04



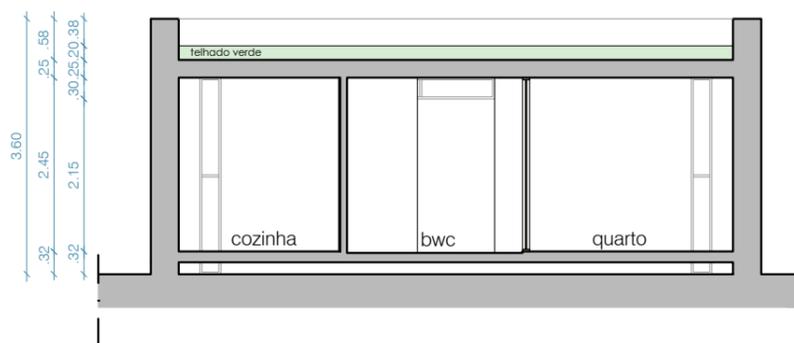
aurora do catimbau hotel

Proposta arquitetônica de hospedagem, localizada no entorno do Parque Nacional do Catimbau, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso para graduação em curso de Arquitetura e Urbanismo.

Etapa: anteprojeto
Conteúdo: planta baixa | cortes | fachadas
Bloco: restaurante
Escala: 1/100
Data: dezembro | 2024



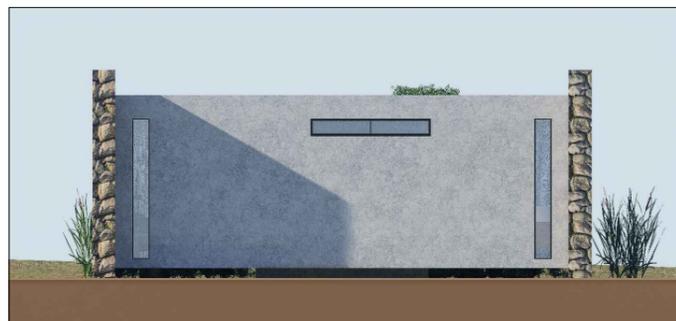
11 planta baixa - chalé
escala: 1/100



12 corte DD
escala: 1/100



13 fachada frontal (leste)
sem escala



14 fachada posterior (oeste)
sem escala



15 fachada lateral (sul)
sem escala

aurora do catimbau hotel

Proposta arquitetônica de hospedagem, localizado no entorno do Parque Nacional do Catimbau, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso para graduação curso de Arquitetura e Urbanismo.

Etapa: **anteprojeto**
Conteúdo: **planta baixa | corte DD | fachadas chalé**
Escala: 1/100
Data: dezembro | 2024

04.04

ANEXO A

Quantitativo de leitos dos meios de hospedagens de Buíque

LOCALIZAÇÃO	MEIO DE HOSPEDAGEM	QUANT. DE LEITOS	Telefone
Buíque/sede	POUSADA PARADA OBRIGATÓRIA	22 leitos	(87) 99903-7062
Buíque/sede	POUSADA CENTRAL	20 leitos	(87) 99961-4406
Buíque/sede	POUSADA FLANANDA	48 leitos	(87) 99915-6432
Buíque/sede	HOTEL SANTOS	125 leitos	(87) 99915-6432
Catimbau	POUSADA MARIA VITÓRIA	32 leitos	(87) 99959-7276
Catimbau	POUSADA VALE DO CATIMBAU	50 leitos	(87) 99683-4600
Catimbau	RINDO CHALÉS	20 Leitos	(81) 99542-2141
Catimbau	CANTINHO DA GÊ	4 leitos	(81) 98379-8940
Catimbau	POUSADA VISTA PRO VALE	20 leitos	(87) 99635-1241
Catimbau	PARAÍSO SELVAGEM	14 leitos	(87) 99655-0327
Catimbau	CATIMBAU HOSTEL	10 leitos	(81) 99613-8355
Catimbau	POUSADA SERRA DOURADA	35 leitos	(87) 99605-6695
Catimbau	FAZENDA PORTO SEGURO	27 leitos	(87) 99654-1573
Catimbau	CHALÉS DO VALE	9 leitos	(87) 99947-5892
Carneiro	BANGALÔS DO VALE	16 leitos	(81) 99513-4303
TOTAL		443	

ÁREAS DE CAMPING	CAPACIDADE	Telefone
RINDO ECOCAMPING	50 pessoas	(81) 99542-2141
ECOCAMPING DA GÊ	60 pessoas	(81) 98379-8940
ECOCAMPING SOL DO VALE	60 pessoas	(87) 98155-1815
CAMPING DAS TORRES	100 pessoas	(87) 99670-8998
CAMPING FAZENDA PORTO SEGURO	40 pessoas	(87) 99654-1573
CAMPING SABOR DO VALE	40 pessoas	(87) 98151-1645
CHÁCARA VALE PÔR DO SOL	100 pessoas	(81) 98246-7704
TOTAL	450	

ANEXO B

**QUANTITATIVO DE VISITAS AS TRILHAS DO PARQUE NACIONAL DO CATIMBAU – PE
ENTRE 2021 – 2023**

	2021	2022	2023
JANEIRO	-	1.356	1.345
FEVEREIRO	-	969	885
MARÇO	-	842	1.160
ABRIL	-	805	1.938
MAIO	-	916	2.223
JUNHO	-	941	1.119
JULHO	-	1.188	1.330
AGOSTO	-	1.088	1.308
SETEMBRO	1.136	1.833	1.913
OUTUBRO	1.552	1.098	1.845
NOVEMBRO	1.347	1.339	955
DEZEMBRO	855	425	868
<u>MÉDIA GERAL</u>	<u>1.222</u>	<u>1.066</u>	<u>1.407</u>
TOTAL GERAL	4.890	12.800	16.889

